



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ANNE CAROLINE DE CARVALHO MACIEL E SILVA**

**BRINCADEIRA E RECREAÇÃO NO COTIDIANO DE UMA CRECHE E  
PRÉ-ESCOLA ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**NOVEMBRO DE 2012**

**ANNE CAROLINE DE CARVALHO MACIEL E SILVA**

**BRINCADEIRA E RECREAÇÃO NO COTIDIANO DE UMA CRECHE E  
PRÉ-ESCOLA ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Rosemary Alves de Melo

CAMPINA GRANDE - PB  
NOVEMBRO DE 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

S586b      Silva, Anne Caroline de Carvalho Maciel e .  
              Brincadeira e recreação no cotidiano de uma  
              creche e pré-escola estadual de Campina Grande -  
              PB [manuscrito]: / Anne Caroline de Carvalho  
              Maciel e Silva, 2012.  
              56f..

              Digitado.  
              Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
              Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba,  
              Centro de Educação, 2012.  
              “Orientação: Profa. Ma. Rosemary Alves de  
              Melo , Departamento de Pedagogia”.

              1. Educação Infantil 2. Brincadeira Infantil 3.  
              Prática Pedagógica I. Título.

21. ed. CDD 372.24

ANNE CAROLINE DE CARVALHO MACIEL E SILVA

**BRINCADEIRA E RECREAÇÃO NO COTIDIANO DE UMA CRECHE E  
PRÉ-ESCOLA ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

Aprovada em 12/11/2012.

*Rosemary Alves de Melo*

Prof<sup>ª</sup> Ms. Rosemary Alves de Melo  
Orientadora

*Maria de Lourdes Cirne Diniz*

Prof<sup>ª</sup> Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz  
Examinadora

*Christinne Ferreira Silva Oliveira*

Prof<sup>ª</sup> Ms. Christinne Ferreira Silva Oliveira  
Examinadora

## **DEDICATÓRIA**

Dedico primeiramente a Deus por ter me dado força e coragem para enfrentar os obstáculos, pois sem Ele não estaria aqui, minha rocha. Ao meu marido, pelo apoio, incentivo, meu suporte. A minha filha, que muitas vezes teve que aguentar minha ausência, sendo sempre compreensiva, minha vida. A todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesta trajetória. DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, quem me proporciona força e coragem, me fortalece sempre que preciso, razão da minha existência e autor da minha fé.

Ao meu marido, Fábio, por sempre ter acreditado em mim, me apoiando, ficando sempre ao meu lado, meu maior incentivador e encorajador. Muito obrigada por todo amor e compreensão!

À minha filha, Clara, que muitas vezes teve que aguentar a minha ausência, mas sempre foi compreensiva, carinhosa e amorosa. A ela todo o meu amor e agradecimento!

À professora Rosemary, minha orientadora. Agradeço pela atenção, paciência, carinho e ternura ao me ensinar e orientar. Docente de grande competência e conhecimento. Obrigada pela dedicação, pelo apoio e pelas leituras sugeridas ao longo dessa caminhada.

Às minhas colegas do Curso de Pedagogia, em especial às amigas: Ana Paula, Rosemeire e Marcicleide, pelos momentos de amizade e apoio.

A todos os professores/as do Curso de Pedagogia da UEPB, pela atenção e dedicação ao ensinar. Obrigada pelos conhecimentos que adquiri nesta trajetória.

Aos funcionários da UEPB pela presteza e atendimento quando foi necessário.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma pesquisa ação desenvolvida durante os Estágio Supervisionados III e IV, no ano de 2010, e discute a relevância da brincadeira na Educação infantil. O *lócus* da pesquisa foi uma creche e pré-escola estadual da cidade de Campina Grande – PB. O público alvo de nosso estudo foi a turma da pré-escola com crianças na faixa etária entre quatro e seis anos. A finalidade deste trabalho é apresentar o estudo da importância conferida às brincadeiras na Educação Infantil no ambiente da instituição educacional supracitada. Objetivamos verificar como o espaço físico da creche e pré-escola é utilizado na realização de atividades recreativas, assim como examinar a prática pedagógica acerca do brincar na educação infantil e identificar as contribuições da brincadeira para o desenvolvimento sociocultural da criança no pré-escolar. Quanto aos procedimentos metodológicos a pesquisa pode ser classificada como descritiva, pois objetiva apresentar em profundidade uma dada situação. Por se tratar de uma pesquisa de cunho educacional utilizamos a abordagem qualitativa e desenvolvemos nosso estudo a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental. Usamos para a coleta dos dados observação participativa na sala de aula, realizando atividades lúdicas com os alunos. Como referências fundamentais da pesquisa teórica foram examinados vários estudiosos: Araújo (2007), Ariès (1978), Assis (2006), Carvalho (2003), Freire (1996), Kramer (1995), Melo, Brandão, Mota (2009), Rego (1992), Sarmiento (2007), Gouvea (2008), Kohan (2008), entre outros. Para fundamentar e instrumentalizar a discussão acerca da importância da brincadeira na educação infantil foram examinados, também, os seguintes documentos: Brasil (RCNEI, v.1,1998), Brasil (RECNEI, v.2, 1998), Brasil (2006). Os resultados obtidos através de nossa pesquisa revelou que muitos são os desafios enfrentados para a inserção da ludicidade na creche e pré-escola. Desta forma, é possível dizermos que muito ainda precisa ser feito diante da necessidade em se avaliar a forma como as crianças em idade pré – escolar estão sendo assistidas em seus momentos nas creches. Partindo da premissa de que é fundamental haver no espaço escolar brincadeiras, direcionadas ou livres, tornando o lugar agradável, prazeroso e divertido para as crianças, percebemos que esse tipo de ação é primordial para o pleno desenvolvimento físico e mental de todas as crianças nesta fase de ensino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincadeira. Educação Infantil. Infância. Prática pedagógica. Criança.

## ABSTRACT

This Course Term Paper is an acting research developed during the Supervised Internship III and IV, in 2010, and addresses the relevance of child's play during the childhood education. The locus of research was a children's day care and State kindergarten placed in Campina Grande city. The target audience of our study was the kindergarten with children aged between four and six years. The work's purpose is to present the study of the importance given to child's play during the childhood education within the environment of the aforementioned education institution. The aim is verify how the physical space of day care and kindergarten is used to playful activities, as well as examine the educational practice about play in childhood education and to identify the contributions of child's play to sociocultural development of children in kindergarten. As for methodological procedures the research can be classified as descriptive, because it aims to present in depth a particular situation. Because it is a survey of educational nature we used a qualitative approach and developed our study from a bibliographical and documentary research. We used participative observation in the classroom, for data collecting, conducting activities with students. As fundamental references for theoretical research, several scholars were examined: Araújo (2007), Ariès (1978), Assis (2006), Carvalho (2003), Freire (1996), Kramer (1995), Melo, Brandão, Mota (2009), Rego (1992), Sarmiento (2007), Gouvea (2008), Kohan (2008), among others. In order to support and exploit the discussion about the importance of child's play during the childhood education were examined the following documents: Brasil (RECNEI, v.1,1998), Brasil (RCNEI, v.2, 1998), Brasil (2006). The results obtained through our research revealed that there are many challenges for the insertion of playful activities in day care and kindergarten. In this way, it is possible to state there still is a lot to be done before evaluate how the kindergarten age children have been assisted in day care centers. On the assumption that it is fundamental have directed or free child's play inside the school space, building a nice, enjoyable and fun place for the kids, we realized that this kind of action is essential for the physical and mental full development of all children at this stage of education.

**KEYWORDS:** Child's play. Childhood Education. Childhood. Pedagogical practice. Child.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPITULO I</b> - Crianças e infância numa perspectiva sociocultural: (re) direcionando o olhar acerca das crianças e da Educação Infantil. ....	11
1.1 Algumas concepções de criança e infância ao longo da história .....	11
1.2 A criança e a Educação Infantil .....	17
<b>CAPITULO II</b> - A brincadeira no espaço da educação infantil: formando sujeitos sociais e culturais .....	22
2.1 A importância do lúdico para as crianças da Educação Infantil .....	22
2.2 A importância do papel do professor (a) na realização das brincadeiras.....	28
<b>CAPITULO III</b> - Vivências e Experiências: aprendendo por meio da prática.....	31
3.1 Classificação da pesquisa e apresentação dos procedimentos .....	31
3.2 Caracterização da creche escola .....	32
3.3 Recursos humanos .....	33
3.4 Recursos materiais .....	34
3.5 Vestuário das crianças .....	34
3.6. Rotina da creche no turno da manhã e da tarde - Prática de cuidados .....	35
3.7. Relato das atividades desenvolvidas – Experiências vividas .....	35
3.7.1 Cronograma de atuação na creche .....	36
3.8 Encontros realizados – vivenciando, ensinando e aprendendo por meio das brincadeiras.....	36
3.9 O que foi aprendido jamais será esquecido.....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>REFRÊNCIAS</b> .....	55

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico é um relato de uma pesquisa participativa que foi desenvolvida durante os Estágios Supervisionados III e IV, orientados pela prof.<sup>a</sup> Rosemary Alves de Melo no primeiro e segundo semestres de 2010. Durante os dois estágios, observamos *a priori* o ambiente educacional da creche e pré-escola Azul<sup>1</sup> e, a partir de informações coletadas nas observações, elaboramos um Projeto de Intervenção intitulado *É Tempo de Brincar: O Papel do Brincar na Educação Infantil*<sup>2</sup>, e que foi aplicado no segundo semestre. Durante as observações foram percebidas lacunas no que diz respeito à brincadeira direcionada e orientada no espaço da creche e pré-escola, especialmente durante a recreação.

O processo de realização do projeto trouxe à tona algumas questões que nos inquietaram, como por exemplo: a brincadeira serve exclusivamente como parte do processo de construção social da infância ou também é uma necessidade infantil? Quais as brincadeiras presentes nas práticas docentes da creche e como elas são elaboradas e desenvolvidas?

Com efeito, pretendemos analisar as situações envolvendo as brincadeiras no cotidiano da instituição de Educação Infantil, onde atuei e que foi campo de estágio, com o objetivo de verificar como o espaço físico da creche e pré-escola é utilizado na realização de atividades recreativas, assim como examinar a prática pedagógica acerca do brincar na educação infantil e identificar as contribuições da brincadeira para o desenvolvimento sociocultural da criança no pré-escolar. O *locus* da pesquisa foi uma creche e pré-escola, estadual, da cidade de Campina Grande – PB. O público alvo de nosso estudo foi uma turma da pré-escola com crianças na faixa etária entre 4 (quatro) e 6 (seis) anos.

Entendemos que uma das particularidades da infância é o brincar, acerca dessa percepção compreendemos que o ambiente da creche e pré-escola deveria considerar o ato de brincar como prioridade em suas atividades educacionais, pois o brincar de forma construtiva abre caminho rumo à educação.

Considerando a importância da brincadeira na vida da criança para que esta desenvolva a linguagem corporal, a coordenação motora e aspectos afetivos, culturais e sociais, julgamos necessário inseri-la mais intensamente na rotina da creche em questão, como um momento especial e agradável para este fim, podendo ser realizado dentro e fora da sala de aula, de modo que procure explorar todos os espaços da creche e pré-escola.

Na infância, as atividades recreativas são consideradas importantes por promoverem a integração social da criança, criando um clima de descontração, aproximando-as entre si, desenvolvendo o afeto entre todas, desenvolvendo a expressão, a atenção, a criatividade, a memória, a expressividade corporal, a percepção corporal e espacial, a sociabilidade e o equilíbrio. De acordo com a brincadeira, pode-se desenvolver a noção de lateralidade, o ritmo, o reflexo e até mesmo a noção de paciência, possibilitando, também que as crianças

---

<sup>1</sup> Optamos por preservar o verdadeiro nome da instituição educacional, por motivos éticos.

<sup>2</sup> O projeto de intervenção e os estágios foram realizados em parceria com a aluna Ana Paula Gomes de Oliveira.

internalizem conceitos fundamentais para o desenvolvimento de suas identidades social e cultural, e da autonomia.

Com a intenção de alcançar os objetivos aqui propostos realizamos uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa ação, uma vez que houve, na prática, participação direta com aplicação e realização de atividades, bem como a descrição das situações e práticas vividas com relação às atitudes das crianças e da docente. Para tanto usamos a técnica da observação para a coleta dos dados, entendemos que esta proporciona uma melhor compreensão acerca da condição vivenciada, uma vez que é fundamental nos familiarizarmos com o sujeito de nossa ação a fim de constatar se nossas percepções iniciais são viáveis ou não.

Também realizamos uma pesquisa bibliográfica, nos ancorando nos estudos de: Araújo (2007), Ariès (1978), Assis (2006), Carvalho (2003), Freire (1996), Kramer (1995), Melo, Brandão, Mota (2009), Rego (1992), Sarmento (2007), Gouvea (2008), Kohan (2008), dentre outros, construindo um conhecimento teórico que nos auxiliou a fundamentar a nossa pesquisa. Para instrumentalizar nosso olhar mediante a relevância da brincadeira na educação infantil foram examinados, também, os seguintes documentos: Brasil (RECNEI, vols. 1 e 2, 1998) e Brasil (2006).

Nosso trabalho é composto por três capítulos: o primeiro capítulo denominado “*Crianças e infância numa perspectiva sociocultural: (re) direcionando o olhar acerca das crianças e da Educação Infantil*” discorre brevemente, sobre algumas concepções de criança e infância ao longo da história, a fim de conhecermos melhor os sujeitos de nossa ação, como também aborda a relação existente entre as crianças e a Educação Infantil, fazendo um rápido passeio em torno de seu surgimento e de suas finalidades.

O segundo capítulo intitulado “*A importância da brincadeira na Educação Infantil: formando sujeitos sociais e culturais*” faz um recorte a respeito da importância da brincadeira na Educação Infantil apresentando como eixo de reflexão a questão da brincadeira como construtora social e cultural do indivíduo em seu processo de desenvolvimento. Buscando mostrar o papel sociocultural do ato de brincar na formação da criança perante a sociedade a qual está inserida.

O terceiro capítulo, intitulado “*Vivências e Experiências: aprendendo por meio da prática*”, apresenta a análise reflexiva da prática exercida, mostrando os desafios e as possibilidades em adequar uma recreação com fins educativos na rotina da instituição.

## **1. CRIANÇAS E INFÂNCIA NUMA PERSPECTIVA SOCIO-CULTURAL: (re) direcionando o olhar acerca das crianças e da educação infantil**

*Cabia, então, investir na infância e na criança em vista das possibilidades de construção do futuro da humanidade. É nesse sentido que a Modernidade, criança e infância se entrelaçam, de forma que a infância se viabilizaria pela formação humana e a criança seria o alvo de tal construção.*

**José Carlos Souza Araujo (2007, p. 183).**

### **1.1 Algumas concepções de criança e infância ao longo da história**

Atualmente é natural observarmos um olhar mais direcionado às crianças e a sua valorização na sociedade, levando em conta a importância que possuem em nosso meio, sendo, na maioria das vezes, consideradas em todas as suas particularidades, com identidade pessoal, cultural, social e histórica. Porém, esta noção não é um fato natural, que sempre existiu, a visão que se tem hoje acerca da criança foi historicamente construída, passando por várias transformações de acordo com as formas de organização de cada sociedade, sendo compreendida agora sob uma perspectiva do contexto social e histórico em que se insere.

A concepção de criança é uma noção historicamente construída e conseqüentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época. Assim é possível que, por exemplo, em uma mesma cidade existam diferentes maneiras de se considerar as crianças pequenas dependendo da classe social a qual pertencem do grupo étnico do qual fazem parte. (RCNEI, v.1, 1998, p.21).

O estudo de Ariès (1981) mostrou que, durante parte da Idade Média, as crianças eram consideradas apenas como seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia. Sabemos também que a idéia moderna de infância, como categoria social, surgiu com a Modernidade e tem como principal origem a escola e a família. Sobre isso, Carvalho nos revela que:

A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claras e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância. (CARVALHO, 2003, p. 47).

Durante muitos séculos a criança era vista como um ser desprovido de importância, sendo vista com certa invisibilidade. Elas eram tratadas com indiferença, como um ser substituível pelo simples fato de serem crianças, indefesas, carentes de proteção.

Até o século XVII a sociedade não dava muita atenção às crianças, pois, devido às más condições de higiene e ao grande índice de mortalidade infantil da época a criança era vista como alguém que não se podia apegar, pois a qualquer momento ela poderia morrer, pois muitas não chegavam aos sete anos de idade. O índice de natalidade era grande, o que fazia com que as crianças mortas fossem facilmente substituídas. A perda das crianças não era vista com pesar para a maioria das pessoas e sim como algo natural que não merecia ser lamentada por muito tempo. Sobre isso Ariès fala “...se ela morresse, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria” (1981, p. 10 ).

Na época medieval, o simples fato da pessoa ser criança não interferia na diferenciação social, e todas compartilhavam desde os trabalhos até as festas com os adultos. Em Àries (1981), até o século XV as crianças eram vistas como adultos em miniatura, se vestiam como adultos, agiam como adultos, eram tratadas como pequenos adultos. O sentimento à infância não existia socialmente falando, como nos aponta o autor:

De criancinha pequena, ela se transforma imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. (ARIÉS, 1981, p. 10).

A diante das concepções significativas apontadas nos estudos de Àries (1981, p. 65), foi somente a partir dos séculos XV e XVI que em algumas sociedades as crianças foram afastadas das atividades direcionadas aos adultos. A descoberta da infância, começou no século XIII, mas só foi consolidada como um período particular às crianças a partir do fim do século XVI e durante o século XVII, sendo melhor representada no século XVIII com as teorias Rousseauiana, o qual Rousseau deu sua colaboração de forma efetiva a nova idéias de infância.

É importante salientar ainda, que os séculos XVII e XVIII serviram de palco para grandes mudanças na sociedade, dentre elas um novo sentimento de infância passou a existir, surgindo como uma realidade social na vida das crianças, ou seja, começaram a perceber que a criança tinha necessidade de ter um ambiente voltado para si, assumindo, pois um caráter que a distinguisse e a constituísse como um grupo humano completo, que não é a miniaturização do adulto, que necessitava ter um espaço direcionado. Segundo Kramer:

...a idéia de infância [...] aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a sua inserção e o papel social da criança na comunidade. se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim

que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa de ser cuidada, escolarizada e preparada para uma função futura. Este conceito de infância é pois, determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade. (KRAMER, 1995, p.19).

Áries pondera que no fim do século XVII admitiu-se que a preparação da criança para a vida deveria ser assegurada pela escola. Com o surgimento da escolarização, a aprendizagem foi substituída como sendo um meio para a educação, isto é, a criança deixou de ser misturada aos adultos e também de aprender a vida diretamente com eles, pela observação e por vezes pela própria prática. A aprendizagem tradicional foi substituída, então, pela escola e o desenvolvimento desta foi consequência da preocupação nova dos pais com a educação dos seus filhos.

A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estendeu até nossos dias, a ao qual se dá o nome de escolarização. (ARIÉS, 1981, p. 11).

Com o surgimento do novo sentimento de infância surge também a preocupação com a formação moral da criança, pois de um lado era vista como um ser ingênuo, inocente e gracioso que precisava ser cuidada e por outro como um ser imperfeito e incompleto. Aponta Kramer:

O sentimento moderno de infância corresponde a duas atitudes contraditórias que caracterizam o comportamento dos adultos até os dias de hoje: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela “paparicação” dos adultos; e outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe a ela, tomando a criança como um ser imperfeito e incompleto, que necessita da “moralização” e da educação feita pelo adulto. (KRAMER, 1995, P. 18).

Esses dois sentimentos surgem a partir da nova função assumida pela família em relação à criança. Para Kramer (1995, p. 18) “não é a família que é nova, mas, sim o sentimento de família que surge nos séculos XVI e XVII, inseparável do sentimento de infância.” Com isso a responsabilidade da família passou a assegurar uma maior atenção e compromisso com o bem estar das crianças, garantindo a elas maiores cuidados e educação.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada

pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. (RCNEI, v.1, 1998, p.21)

De acordo com Kramer, o sentimento de infância é resultado de algumas atitudes com relação à criança: preservá-la da corrupção do meio e fortalecê-la, desenvolvendo seu caráter e sua razão. É preciso que a família cuide de suas crianças, as proteja do mau que permeia o mundo e ao mesmo tempo as prepare para se tornarem adultos fortes, decididos, prontos a enfrentarem os obstáculos que a vida colocar em seus caminhos. É de criança que se forma a personalidade, o jeito de ser de cada ser humano. Já para Sarmento (2007, p. 36):

A infância é, simultaneamente, uma categoria social do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos activos, que interpretam e agem no mundo. Nessa acção estruturam e estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constiuem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância. (SARMENTO, 2007, p. 36).

Desta forma, observa-se, em seu pensamento, uma distinção analítica entre o conceito de crianças e de infância:

[...] as crianças como atores sociais, nos seus mundos de vida, e a infância, como categoria social do tipo geracional, socialmente construída. A infância é relativamente independente dos sujeitos empíricos que a integram, dado que ocupa uma posição estrutural. Essa posição é condicionada, antes de mais, pela relação com as outras categorias geracionais. Deste modo, por exemplo, a infância depende da categoria geracional constituída pelos adultos para a provisão de bens indispensáveis à sobrevivência dos seus membros, e essa dependência tem efeitos na relação assimétrica relativamente ao poder, ao rendimento e ao status social que têm os adultos e as crianças, sendo esta relação transversal [...] das distintas classes sociais. Por outro lado, o poder de controle dos adultos sobre as crianças está reconhecido e legitimado, não sendo verdadeiro o inverso, o que coloca a infância [...] numa posição subalterna face à geração adulta. (SARMENTO, 2008, p. 22).

Ou seja, para o aludido autor a infância deve sua diferença não na ausência de características próprias do ser humano adulto, mas na presença de outras características distintivas que permitem que todas as crianças do mundo tenham algo em comum, isto é, a infância não é a idade da não-fala, pois todas as crianças tem múltiplas linguagens. Ela também não é a idade da não-razão, pois outras racionalidades se constroem com a incorporação de afetos, da fantasia e da vinculação ao real. A criança também produz cultura, ela não é apenas produto da cultura dos adultos. Já para Kramer (1995, p. 20) não existe um único conceito de infância:

“[...] Deve-se partir do princípio de que as crianças [...] tinham (e têm) modos de vida e de inserção social completamente diferentes umas das outras, o que correspondia ( e corresponde) a diferentes graus de valorização da infância pelo adulto, a partir de suas condições econômicas, sociais e culturais, e do papel efetivo que exerciam (e exercem) na sua comunidade. ( KRAMER, 1995, p. 20).

Entendemos que a idéia de infância carregou, muitas vezes consigo, a noção daquele que não fala, que só ouve e obedece, fortificando, de tal modo, o ponto de vista adultocêntrico, que não considera as peculiaridades da criança, procurando nela o ser adulto e fazendo com que estas, estivessem prontas a atender às suas necessidades. Como diz Sarmento:

A criança é considerada como o não-adulto e este olhar adultocêntrico sobre a infância registra especialmente a ausência, a incompletude ou a negação das características de um ser humano completo. A infância como a idade do não está inscrita desde o étimo da palavra latina, que designa esta geração: infans – o que não fala. (SARMENTO, 2007, p. 33).

A criança, desde a época medieval e até mesmo nos dias atuais, muitas vezes é estereotipada como sendo uma oposição ao adulto apenas porque é constituída pela ausência de amadurecimento e possuidora de pouca idade. Quando pensamos assim, não estamos enxergando a criança como um ser dotado de atributos próprios, completo e capaz de atuar de alguma forma na sociedade a que faz parte, pelo contrário, vemos um ser mutilado, que está em processo de desenvolvimento para se transformar em um adulto.

Seguindo o pensamento de Rousseau:

[...] a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. [...] a natureza determina que as crianças sejam crianças antes de serem homens. (ROUSSEAU, 1999, p.261).

A partir do pensamento do aludido autor - que acredita que a criança não é um adulto em miniatura, mas um ser singular, com necessidades e características próprias – e acompanhando a idéia de Melo, Mota, Brandão (2009, p. 17) o adulto precisa deixar a criança ser criança, fazendo com que esta tenha uma infância e/ ou deixe a infância acontecer, mostrando que a criança não é meramente um “ser em devir” (Sarmento, 1999, p. 26). O grande momento histórico da percepção Rousseauiana está no livro de *Emílio ou da Educação* (Rousseau, 1999), em que o teórico desenvolveu sua concepção a respeito da educação que deveria ser outorgada às crianças. Educação esta cujo papel seria o de protegê-la e prepará-la para a vida.

O século XX foi caracterizado como uma época em que muitos estudiosos dirigiram seus estudos acerca do comportamento infantil, concebendo a criança como sendo cidadã integrante da sociedade a que faz parte, criando desta maneira, alguns enfoques que nos faz refletir a respeito do seu desenvolvimento e da sua educação.

No decorrer dos séculos percebemos que a criança passou a ser vista, melhor, como um ser social, exercendo um papel fundamental na família e na sociedade, tornando-se um ser merecedor de respeito, possuidora de características e necessidades próprias, devendo ser vista como um ser pleno e integral, detentor de capacidades e habilidades, com valor, que a cada dia vai construindo sua identidade pessoal. Desta forma, também, a infância passou a ser mais valorizada e reconhecida como sendo um período único da vida do adulto.

Porém, mesmo diante de grandes avanços no sentimento de infância no decorrer dos séculos, ainda existem alguns questionamentos com relação ao tratamento dado às crianças nos dias atuais. Hoje em dia a impressão que se tem é que a infância “voa”, uma vez que há um precoce amadurecimento por parte das crianças, estimulado pelo meio em que vivem. Por outro lado, alguns adultos ainda possuem aquela visão adultocêntrica em relação às crianças não levando em conta sua notável inteligência e criatividade.

Visualizar a criança num ponto de vista que valoriza a sua posição social e histórica sugere perceber que esta é alguém que pensa, que tem idéias, anseios, vontades. Que precisam ser mais ouvidas e consideradas, com maior vigor, como parte integrante da sociedade a qual estão inseridas, como observamos no RCNEI(v.1, 1998, p.21) “ As crianças possuem uma natureza singular , que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio.”. Todos nós passamos pela infância, pois é uma fase essencial da vida, ao passo que cada um tem/teve a sua peculiarmente, uma vez que cada um possui um modo de vida diferente, uma condição social diferenciada bem como uma família que pensa diferentemente a respeito do sentido de infância, dando valores distintos a ela.

Para Kohan (2008, p.47) “o nome de uma faculdade chamada criação, transformação, revolução, isso é a infância”, ou seja, para ele, sem a infância não teríamos como passar da natureza à cultura (p.48),

[...] a infância simboliza um rito de passagem entre o que somos enquanto seres jogados no mundo e o que fazemos com esse sermos jogados no mundo. E trata-se de um rito especificamente humano [...] sem uma infância não teríamos como passar da natureza à cultura. Sem infância, o ser humano seria natureza inerte. Se não há possibilidade do ser humano ser a-histórico, é precisamente porque não fala desde “sempre”, porque tem que aprender a falar [...] numa infância que não pode ser universalizada ou antecipada, uma infância da e na experiência, uma infância da e na história. (KOHAN, 2008, p. 48).

Ante tudo isso, nota-se que o ser humano não pode repelir a infância, pois esta é condição de vida e de experiências da essência de cada criança.

## 1.2. A criança e a Educação Infantil

*[...] Nunca como hoje as crianças foram objeto de tantos cuidados e atenções e nunca como hoje a infância se apresentou como a geração onde se acumulam exponencialmente os indicadores de exclusão e de sofrimento.*

**Manuel Jacinto Sarmiento (2008, p. 19).**

Passeando pela história da Educação Infantil notamos que o reconhecimento da importância que deveria ser outorgada às crianças em termos constitucionais, só iniciou seu surgimento recentemente, nas últimas décadas. Durante muito tempo a educação infantil não era tida como sendo um direito das crianças, e sim como um direito das mães que começavam a ingressar no mercado de trabalho. Porém, nos últimos tempos alguns fatores ajudaram a direcionar um olhar mais atento às crianças, dentre eles, o progresso dos estudos acerca do desenvolvimento infantil, a questão do ingresso da mulher no mercado de trabalho, alguns movimentos sociais que debatem sobre a infância e a própria mudança de pensamento da sociedade perante o direito que as crianças possuem à educação com respaldo legal na Constituição Federal de 1988 que reconhece a criança como sendo um sujeito de direitos, garantindo a ela o acesso à educação em creches e pré-escolas, iniciando-se uma nova fase na história da educação infantil (Melo, Brandão, Mota, 2009, p.11). Desta forma, ao que tange o início desse reconhecimento, vimos que:

Nas décadas de 1970 e 1980, o processo de urbanização do país, cada vez mais intenso, somado a uma maior participação da mulher no mercado de trabalho e à pressão dos movimentos sociais, levou a uma expansão do atendimento educacional, principalmente às crianças na faixa etária de 4 a 6 anos, verificando-se também, na década de 1980, uma expansão significativa na educação das crianças de 0 a 3 anos. A pressão da demanda, a urgência do seu atendimento, a omissão da legislação educacional vigente, a difusão da ideologia da educação como compensação de carências e a insuficiência de recursos financeiros levaram as instituições de Educação Infantil a se expandirem “fora” dos sistemas de ensino. Difundiram-se “formas alternativas de atendimento” onde inexistiam critérios básicos relativos à infra-estrutura e à escolaridade das pessoas que lidavam diretamente com as crianças, em geral mulheres, sem formação específica, chamadas de crecheiras, pajens, babás, auxiliares, etc. (BRASIL, 2006, p.8).

De acordo com o pensamento de Assis (2006, p.88 - 89), na década de 1970, a pré-escola tinha a função de evitar o fracasso escolar de grupos tidos como sendo culturalmente marginalizados, incumbindo, então à pré-escola apresentar competências e habilidades

importantes à escolarização das crianças carentes. No final dos anos 70 e início dos anos 80 foram colocadas como sendo um direito das mulheres trabalhadoras independente da classe social a que pertenciam. Em 1988, com a Constituição Federal, o atendimento nas creches e pré-escolas passou a ser um direito das crianças.

A educação das crianças de zero a seis anos foi dividida em algumas funções, entre elas, uma com papel assistencialista e uma de caráter considerado educativo.

A trajetória da educação das crianças de 0 a 6 anos assumiu e assume ainda hoje, no âmbito da atuação do Estado, diferentes funções, muitas vezes concomitantemente. Dessa maneira, ora assume uma função predominantemente assistencialista, ora um caráter compensatório e ora um caráter educacional nas ações desenvolvidas. (BRASIL, 2006, p.8).

A década de 1990 foi palco para o reconhecimento do Estado em oportunizar a criança o direito à educação.

A década de 1990 iniciou-se sob a égide do dever do Estado perante o direito da criança à educação, explicitando as conquistas da Constituição de 1988. Assim, em 1990, no Estatuto da Criança e do Adolescente foram reafirmados esses direitos, ao mesmo tempo em que foram estabelecidos mecanismos de participação e controle social na formulação e na implementação de políticas para a infância. A partir de 1994, o MEC realizou uma série de encontros e seminários com o objetivo de discutir com os gestores municipais e estaduais de educação questões relativas à definição de políticas para a Educação Infantil. Neste contexto, o Ministério da Educação coordenou a elaboração do documento de Política Nacional de Educação Infantil, no qual se definem como principais objetivos para a área a expansão da oferta de vagas para a criança de 0 a 6 anos, o fortalecimento, nas instâncias competentes, da concepção de educação e cuidado como aspectos indissociáveis das ações dirigidas às crianças e a promoção da melhoria da qualidade do atendimento em instituições de Educação Infantil. (BRASIL, 2006, p. 10).

O caráter educativo da Educação Infantil foi anunciado pela Constituição Federal de 1988 e consolidada pela Lei de Diretrizes e Bases Nacional nº 9.394/96, devendo, agora ser considerada como a primeira etapa da Educação Básica da criança proporcionando o desenvolvimento integral desta pela tríade já mencionada (Assis 2006, p.89-90).

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional evidenciou a importância da Educação Infantil, que passou a ser considerada como primeira etapa da Educação Básica. Dessa forma, o trabalho pedagógico com a criança de 0 a 6 anos adquiriu reconhecimento e ganhou uma dimensão mais ampla no sistema educacional, qual seja: atender às especificidades do desenvolvimento das crianças dessa faixa etária e contribuir

para a construção e o exercício de sua cidadania. (BRASIL, 2006, p. 10).

Urge enfatizarmos, que esta lei 9.394/96 sinalizou para um ensino obrigatório de nove anos de duração, a iniciar-se aos seis anos de idade, tornando-se meta da educação nacional pela Lei nº10. 172/2001. Com a aprovação da Lei nº 11.274/ 06 de fevereiro de 2006 institui o ensino fundamental de nove anos de duração com a inclusão das crianças de seis anos de idade. Portanto, o atendimento a educação infantil passou a adotar a seguinte nomenclatura, a faixa etária de 0 a 5 anos: Creche de 0 a 3 anos de idade e Pré-Escola de 4 a 5 anos de idade.

A LDB 9394/96 reafirmou o direito à educação, garantido pela Constituição Federal e estabeleceu os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação escolar pública no Brasil (Pacievitch, 2009). Além disso, como diz Brasil (2006, p.10-11), essa lei define a finalidade da Educação Infantil como o “desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Ainda de acordo com o documento mencionado acima, em 1998, foi elaborado o *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (RCNEI) que consiste num conjunto de referências e orientações pedagógicas, não se constituindo como base obrigatória à ação docente e em 2001 foi aprovado o Plano Nacional de Educação,

Vários são os papéis atribuídos à Educação Infantil ao longo das décadas. No entanto notamos o quão relevante é o papel desta frente ao desenvolvimento da criança, baseando sua ação pedagógica na tríade cuidar-educar-brincar, a fim de preparar a criança, junto à família, à vivência social beneficiando sua formação plena. (Assis, 2006, p. 88).

Em Assis (2006, p. 96), percebemos que há uma dicotomia entre esta tríade na prática do professor da Educação Infantil, todavia, ao que tange o ato de cuidar percebemos que tal concepção é tida como sendo a menos importante na ação educativa, pois está relacionada basicamente ao ato de higienização e de alimentação, e algumas professoras não se consideram responsáveis por tais ações, achando que o cuidar é um favor prestado, por elas às crianças devido suas incapacidades na execução destas tarefas, concebendo este ato de cuidar como sendo uma atividade assistencial e separada do processo educativo da criança. O educar já é considerado o aspecto mais relevante da prática pedagógica e desta forma o professor (a) enfatiza o processo de leitura e escrita. Quanto à idéia do brincar, muitas vezes esta é tida, pelos (as) professores (as), como sendo uma atividade secundária, com o objetivo de apenas distrair a criança facilitando a assimilação dos conteúdos escolares.

O Referencial Curricular para a Educação Infantil fala da importância da complementaridade que o cuidar-educar-brincar possui:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. [...] Contemplar o cuidado na esfera da instituição da educação infantil significa compreendê-lo

como parte integrante da educação [...] O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção à saúde. [...] Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado. [...] A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”.[...] Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. (BRASIL, 1998, v.1, p. 23- 24-25-27).

De igual modo, o cuidado é visto como sendo tão importante e necessário quanto a educação e ao brincar. A professora que cuida, educa e a que educa também cuida. Ambas são práticas que fazem parte da ação docente na Educação Infantil. São ações intrínsecas.

Percebemos que na idade pré-escolar, a brincadeira surge a partir de um desejo não realizado das crianças, ou seja, elas desejam realizar tarefas que não são próprias de sua idade. Por ser uma das responsáveis pelo pleno desenvolvimento da criança cabe a Educação Infantil, junto à família, criar alguns meios para que isso ocorra.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil sustenta ser “o brincar uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia” (1998, v. 2, p. 22), sendo assim, percebe-se a importância do brincar para descoberta do eu, permeada pelas brincadeiras de faz de conta, onde as crianças procuram imitar, imaginar e representar. Momentos prazerosos propiciados pelo brincar refletem no processo de construção do sujeito, ou seja, passam a diferenciar-se do outro, afirmando seu ponto de vista.

Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna às crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também tornam-se autores de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto [...]. (BRASIL, v.2, 1998, p.23).

Brincar é uma necessidade do ser humano, quando brinca ele/a podem aprender de uma maneira mais profunda, podendo relacionar pensamentos, criar e recriar seu tempo e espaço adaptando-se melhor as modificações na vida real. No momento da brincadeira a criança pode pensar livremente, pode ousar imaginar, não tendo medo de errar.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia. O fato da criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as

crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também, algumas capacidades de socialização, por meio da integração e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (BRASIL, v.2, 1998, p.22)

Nas instituições educacionais de Educação Infantil é bem comum que por medo das crianças machucarem-se muitos/as professores/as tenham o impulso de não permitir que as crianças tenham ações próprias de sua idade, provocando então, o impedimento de exercitarem suas capacidades.

Levar ao espaço da educação infantil atitudes mediadoras que colaborem para integração e socialização das crianças, bem como, para o desenvolvimento global é extremamente importante, por isso, defende-se, deixar a criança brincar livremente. Segundo Rego, “o educador tem como papel ser um facilitador das brincadeiras, sendo necessário mesclar momentos onde orienta e dirige o processo, com outros momentos onde as crianças são responsáveis pelas suas próprias brincadeiras.” (1992, s.p),

Estar próximo das crianças amparando-as, orientando-as e sugerindo formas de lidar com desafios corporais, tais como subir e descer de árvores e obstáculos, percorrer circuitos com dificuldades diversas, são atitudes necessárias ao professor. Oferecer oportunidades diárias de se exercitarem ao ar livre [...], valoriza a crescente capacidade psicomotora. (BRASIL, v.2, 1998, p.46).

Assis (2006, p. 98) considera que a Educação Infantil como aspecto preparatório não possui uma finalidade em si mesma, sua função está direcionada unicamente na escolarização futura. Em se tratando de crianças muito pequenas as práticas de cuidado e de brincadeiras são fundamentais para garantir o bem-estar destas, sem o qual não seria possível ensinar e nem aprender.

A professora da Educação Infantil precisa de uma formação inicial de qualidade que lhe permita o desenvolvimento de uma prática que integre o cuidar-educar-brincar de maneira indissociável. Não se pode mais aceitar amadorismo num trabalho cujo fim é a formação de pessoas. (ASSIS, 2006, p. 102).

Lembrando que, pensando como Assis (2006, p. 102), as professoras da Educação Infantil, que na maioria das vezes são mulheres, não são babás, nem mães substitutas, e sim profissionais da educação, que são preparadas para o trabalho de educar crianças pequenas.

## 2. A BRINCADEIRA NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: Formando sujeitos sociais e culturais

*Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.*

**Carlos Drummond de Andrade**

### 2.1 A importância do lúdico para as crianças da Educação Infantil

Entendemos que lúdico é qualquer atividade executada com prazer, feita por interesse pessoal, tanto pela criança quanto pelo o adulto. Segundo Luckesi (2000, p. 96) o que caracteriza o lúdico “é a experiência de plenitude que ele possibilita a quem o vivencia em seus atos”, pode estar presente em diferentes situações de nossas vidas. Os brinquedos e as brincadeiras são fontes inesgotáveis de interação lúdica e afetiva. Percebemos assim, a possibilidade, a facilidade de se aprender, quando se brinca.

[...] Brincadeira é o ato de brincar, a ação lúdica. A ação da criança junto aos objetos (brinquedos) que a possibilita construir o seu conhecimento, desenvolver suas habilidades sensoriais e perceptivo-motoras, elaborar e descarregar os seus conflitos e assim aprender a lidar com as suas emoções. A brincadeira possibilita que a criança desenvolva a capacidade de se colocar no lugar do outro e compreender como este outro pensa. (ASSIS; et al, 2010,s.p).

Se o brincar é um ato lúdico, portanto, a ludicidade é importante para a saúde física e mental do ser humano, pois como vimos em Bujes (2004, p. 216) “o brincar facilitaria o crescimento, a saúde (física e mental), os relacionamentos grupais, constituindo uma forma de comunicação”. A brincadeira “seria um espaço de liberdade individual, um lugar de sonhos, inerentemente excitante” (Bujes, p. 217), possibilitando a expressão mais genuína do ser, é o espaço e o direito de toda criança exercer relações afetivas com o mundo, com as pessoas e com os objetos.

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e

adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. (RCNEI, V.2, 2008. P. 21)

Isto quer dizer que, através das relações estabelecidas por meio da interação as crianças procuram demonstrar a percepção do seu mundo por meio de suas ações. Um dos meios mais utilizados para a representação do real por elas são as brincadeiras, pois por meio do ato de brincar a criança é inserida no meio social e cultural do adulto, passando a compreender melhor a realidade a qual está inserida, ou seja, com sua capacidade de imaginar, fantasiar e criar realiza, no momento da brincadeira, uma interpretação do real, o mundo passa a ser representado, por ela, por meio desta ação. O RCNEI ampara que “toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada.” (1998, v. 1, p. 27).

No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando. O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos. (RCNEI, V.1, 2008. p. 27)

Para Vygotsky (apud FONTANA, 1997) a situação imaginária da brincadeira decorre da ação das crianças, da tentativa das crianças de reproduzirem as ações dos adultos. As crianças não imaginam uma situação para depois agir, brincar, ao contrário, para imaginar elas precisam agir. Vygotsky observou que na situação do faz-de-conta não é qualquer objeto que pode substituir outro e que a criança, ao brincar, sempre submete seu comportamento a regras.

Desse modo, a criança usa as interações sociais como formas privilegiadas de acesso a informações, elas aprendem a regra do jogo pela mediação. Vale dizer que na brincadeira, no jogo, as crianças fazem coisas que ainda não conseguem realizar no dia-a-dia. Assim a brincadeira é mediada pela ação do outro, no início precisa do auxílio de outras pessoas que já tenham adquirido tal conhecimento.

A brincadeira do faz de conta simula a realidade de forma privilegiada, “[...] Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados” (RCNEI, 1998, v. 1, p. 27), ou seja, do jeito que a criança entende a brincadeira, sendo esta a melhor forma de comunicação e de expressão corporal, emocional e de ideias que a criança possui para se relacionar com o meio em que se insere e com as pessoas que o compõe.

Compreendemos que o valor do brincar está nas competências adquiridas através dele, ganhar confiança em si mesmo e estabelecer interações sociais, são algumas das capacidades desenvolvidas no ato de brincar. Entretanto, é preciso ter em mente que a ludicidade não é

algo trivial, ao contrário, “o brincar é uma parte natural de nossa vida e que tem valor tanto para as crianças quanto para os adultos [...]” (MOYLES, 2002, p.24). O brincar é motivador. A brincadeira é uma necessidade infantil, ou seja, a necessidade que a criança possui em poder realizar atividades, situações que devido a pouca idade não conseguem desenvolver e por meio do mundo do faz de conta essas necessidades poderão ser realizadas do modo que a criança a idealiza.

A criança em desenvolvimento é absorvida por situações lúdicas e nesse processo a aprendizagem flui espontaneamente. Para Bomtempo (2000, p. 129) “no comportamento diário das crianças o brincar é algo que se destaca como essencial para o seu desenvolvimento e aprendizagem.”

Brincar é, sem dúvida, uma forma de aprender, mas é muito mais que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, compreender-se, confrontar-se, negociar, transformar-se, ser. Na escola, a despeito dos objetivos do professor e de seu controle, a brincadeira não envolve apenas a atividade cognitiva da criança. Envolve a criança toda. É prática social, atividade simbólica, forma de interação com o outro. Acontece no âmago das disputas sociais, implica a constituição do sentido. É criação, desejo, emoção, ação voluntária. (FONTANA, 1997, p. 139)

Ou seja, compreendemos que as atividades recreativas para crianças da educação infantil são de grande importância no pleno desenvolvimento desta como ser social, pois, dentre outras vantagens, visam promover a integração, criar um clima de descontração e possibilitar a afetividade entre os/as pequeninos/as além de tenderem a favorecer a autoestima, no sentido de ajudar as crianças a alcançarem seus objetivos no ato de brincar de uma forma divertida.

No ato de brincar as crianças dão asas à imaginação, sendo assim, entendemos que brincar é uma atividade fundamental na vida das crianças, nesta ação elas imitam a vida, sentem e agem estabelecendo suas próprias conjecturas acerca de suas descobertas. Por meio das brincadeiras articulam a linguagem oral, estabelecem sentidos ao mundo, aprendem a lidar com os sentimentos, a interagirem com outras crianças e adultos, resolvem “problemas” durante o ato de brincar. Buscam na imaginação e na criatividade soluções para resolverem situações difíceis.

[...] Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também tornam-se autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata. Quando utilizam a linguagem do faz-de-conta, as crianças enriquecem sua identidade, porque podem experimentar outras formas de ser e pensar, ampliando suas

concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens. (RECNEI, V.2, 2008. p. 23)

Dessa forma, percebemos que durante o tempo em que brincam as crianças tem a oportunidade de organizarem seu mundo seguindo seus próprios passos. Nos momentos de brincadeira as crianças podem criar e pensar livremente, ousar, imaginar, sem medo de errar e brincar com as possibilidades apresentadas, “a brincadeira é, igualmente, imaginação, relatos, histórias” (Brougère, 1995, p. 51). Lembrando que, de acordo com Fontana (1997, p. 138), “na brincadeira, conhecimento e fabulação, experiência e simbolização entrelaçam-se.

As brincadeiras podem vir a ajudar a criança a compreender o mundo e a elaborar suas hipóteses sobre o funcionamento deste. É brincando que as crianças apreendem conceitos, elaboram teorias, testam possibilidades, constroem conhecimentos. Crianças e adultos através da brincadeira desenvolvem percepções sobre as outras pessoas e atitudes de tolerância e solidariedade.

Para a perspectiva sócio-cultural a criança aprende a brincar, e o meio a qual está inserida favorecerá, de maneira fundamental, tal aprendizagem. Desta forma as crianças são iniciadas na brincadeira por pessoas que estão a sua volta, sejam adultos ou crianças maiores. Sobre essa aprendizagem aponta BROUGÈRE (1995, p. 97-98):

É preciso, efetivamente, romper com o mito da brincadeira natural. A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. A brincadeira não é inata, pelo menos nas formas que ela adquire junto ao homem. A criança pequena é iniciada na brincadeira por pessoas que cuidam dela, particularmente sua mãe.

Nessa perspectiva, entendemos que ao brincar a criança é introduzida de forma gradativa no universo sócio – histórico- cultural, no qual atitudes como respeito, solidariedade e a competição saudável, mediadas pelo brincar, tendem a torná-las cidadãs éticas, capazes de internalizarem conceitos fundamentais para o desenvolvimento de sua identidade e autonomia. Quando dizemos que o brincar articula o desenvolvimento infantil, mencionamos o fato da criança ampliar suas capacidades e conhecimentos intercedido pelo brincar, isso não quer dizer que a criança nasce incompleta, como diz Brougère (1995, p.98) “ela aprende, justamente, a compreender, dominar, e depois produzir uma situação específica, distinta de outras situações”. No decorrer da infância a criança alarga/desenvolve suas habilidades, algo que ocorre ao longo da vida, é um processo contínuo que nada tem haver com ausência de capacidades.

Entendemos que a criança é ator social, integrante e construtora da cultura da sociedade. Segundo Sarmiento (2008, p. 10), “a Sociologia da Infância propõe o estabelecimento de uma distinção analítica no seu duplo objeto de estudo: as crianças como atores sociais, nos seus mundos de vida, e a infância, como categoria social do tipo geracional, socialmente construída.” Sarmiento (2008) aponta que a criança depende dos adultos no que diz respeito a sobrevivência e isso reflete nas relações sociais e de poder. A criança é co-autora da sociedade nas devidas proporções, ou seja, mesmo tendo uma condição subalterna, faz parte da construção social.

Observamos que durante as brincadeiras e conseqüentemente, durante as imitações feitas nesta ação, os/as pequeninos/as vão interiorizando regras de convívio social, vão adotando decisões, fazendo escolhas e também reelaborando novas regras. Fontana nos diz isso quando fala que “aquilo que na vida real passa despercebido pelas crianças torna-se regras de comportamento na brincadeira” (1997, p. 125). Aos poucos a realidade e a imaginação vão tendendo a participar da vida da criança.

Assim, as crianças aprendem através do brincar que realizar seus próprios desejos exige obediência voluntária a regras auto-escolhidas e que sua satisfação individual pode ser aumentada pela cooperação em atividades governadas por regras. (BOMTEMPO, 2000, p. 145).

Por tudo isto visto até o momento, podemos notar que através da brincadeira pode ser viabilizada a construção do conhecimento de forma prazerosa, garantindo a motivação necessária para a aprendizagem das crianças, pois brincar é maravilhoso! É o que a criança faz de mais sério. O brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la. Nos fala Benjamin (2002, p. 102) que “ a essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito”.

A apropriação do mundo exterior passa por transformações, por modificações, por adaptações, para se transformar numa brincadeira: é a liberdade de iniciativa e de desdobramento daquele que brinca, sem a qual não existe a verdadeira brincadeira. BROUGÈRE (1995, p.77)

A brincadeira, seja ela livre ou direcionada, é uma das formas de proporcionar um momento recreativo prazeroso, alegre e produtivo para as crianças da Educação Infantil e quando esta é implantada no cotidiano das atividades escolares, torna mais fácil a assimilação do que é ensinado, especialmente na Educação Infantil, pois as crianças levam consigo, para a escola, um leque de experiências lúdicas, que eram usadas, anteriormente, fora da escola. A cada momento torna-se mais importante a inserção da brincadeira no trabalho pedagógico devido à relevância de sua função social na vida das crianças em idade pré-escolar. Fontana (1997, p.129) nos diz que “a atividade de brincar é essencial para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar”. Assim sendo,

O trabalho pedagógico desenvolvido na pré-escola deveria, pois, partir daquilo que a criança conhece e domina, não dos conteúdos e habilidades que lhe faltam: partir do que ela é, e não do que ela não é. Em seguida, a escola lhe daria os instrumentos básicos necessários para que a criança adquirisse a cultura padrão, dominante, mas de forma crítica, ou seja, possibilitando a sua compreensão do mundo e da realidade em que vive, da sociedade e da sua própria inserção na classe social a que pertence. (KRAMER,1995,p. 45)

A brincadeira inserida no cotidiano das atividades escolares, facilitaria a mediação dos conteúdos, principalmente na Educação Infantil, uma vez que o brincar exerce um papel fundamental na vida das crianças, podendo, através desta ação, atribuir significados de forma dinâmica e espontânea aos conteúdos que são ensinados na instituição escolar. Com isso, no intuito de firmar a importância do brincar para as crianças da Educação Infantil, aponta o RECNEI (v. 2, 1998) no eixo do brincar em seu documento introdutório,

- É imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições;
- A brincadeira é uma linguagem infantil;
- No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando;
- O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam;
- Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca;
- O brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto;
- Os conhecimentos da criança provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida [...]
- Para brincar é preciso que as crianças tenham certa independência para escolher seus companheiros e os papéis que irão assumir [...]. (RCNEI,v.2, apud ALMEIDA, 2000, s.p.).

Diante disto,

[...] A criança deve ter todas as possibilidades de entregar-se aos jogos e às atividades recreativas, que devem ser orientadas para os fins visados pela educação; a sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer o gozo deste direito. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA, 1959, apud ALMEIDA, 2000, s.p.)

Diante do que foi abordado até o momento, podemos dizer que no brincar, no mundo do faz-de-conta, as crianças aprendem a agir em função da imaginação ou de uma pessoa, ou de uma personagem, ou de um objeto e/ou de situações que não estão imediatamente presentes e perceptíveis para elas no momento e que originam emoções, sentimentos e significados vivenciados em outras ocasiões. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a

criança ou adulto fruem sua liberdade de criação. (WINNICOTT, 1975)”. As crianças na brincadeira são livres para determinarem suas próprias ações, são donas de seus destinos, podem tomar suas próprias decisões, podem comunicar-se. Podem ser quem quiserem ser, podem fazer o que quiserem fazer, elas são livres.

## 2.2. A importância do papel do professor (a) na realização das brincadeiras

*O professor é um intelectual em processo contínuo de formação. O homem pode interferir, ser agente da história; o professor enquanto sujeito que não reproduz apenas o conhecimento, pode, por meio da reflexão crítica, fazer do seu trabalho de sala de aula um espaço de transformação, que é a práxis docente. É na ação refletida e na redimensão da sua prática que o professor pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade.*

**Maria Socorro Lucena Lima (2001, p. 58)**

Na perspectiva de um momento motivador rumo à aprendizagem não se pode afirmar que atividades lúdicas para o bem educar sejam um erro, pois a criatividade do professor deve ser à base de tudo. Assim, há uma gama de possibilidades de se trabalhar o lúdico na educação infantil, ocupar todos os espaços das instituições e todo material acessível que estiver ao seu alcance, podendo ser realizadas em instituições públicas e/ou privadas.

Nas instituições educacionais voltadas para a Educação Infantil é comum que por medo das crianças machucarem-se muitos/as professores/as tenham o impulso de não permitir que as crianças tenham ações próprias de sua idade, provocando então, o impedimento de exercitarem suas capacidades, porém entendemos que levar ao espaço da educação infantil atitudes mediadoras que colaborem para integração e socialização das crianças, bem como, para o desenvolvimento global é extremamente importante, por isso, defende-se, deixar a criança brincar livremente. Segundo Rego, “o educador tem como papel ser um facilitador das brincadeiras, sendo necessário mesclar momentos onde orienta e dirige o processo, com outros momentos onde as crianças são responsáveis pelas suas próprias brincadeiras.” (1992, s.p).

Estar próximo das crianças amparando-as, orientando-as e sugerindo formas de lidar com desafios corporais, tais como subir e descer de árvores e obstáculos, percorrer circuitos com dificuldades diversas, são atitudes necessárias ao professor. Oferecer oportunidades diárias de se exercitarem ao ar livre [...], valoriza a crescente capacidade psicomotora. (BRASIL, v.2, 1998, p.46).

Diante do que vimos em Assis (2006, p. 98) a Educação Infantil como aspecto preparatório não possui uma finalidade em si mesma, sua função está direcionada unicamente na escolarização futura. Em se tratando de crianças muito pequenas as práticas de cuidado e de brincadeiras são fundamentais para garantir o bem-estar destas, sem o qual não seria possível ensinar e nem aprender.

A professora da Educação Infantil precisa de uma formação inicial de qualidade que lhe permita o desenvolvimento de uma prática que integre o cuidar-educar-brincar de maneira indissociável. Não se pode mais aceitar amadorismo num trabalho cujo fim é a formação de pessoas. (ASSIS, 2006, p. 102).

Isto posto, percebemos que a brincadeira é uma das formas de transmitir diversão enquanto se ensina e/ou se aprende, ela facilita a mediação dos conteúdos pois as crianças já trazem consigo vários saberes usados em casa ou com os amigos fora da escola. Então, vemos em Paulo Freire (1996, p. 30) que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.”. Compreendemos que é muito importante levar em conta o contexto de vida das crianças, sua cultura, suas experiências cotidianas, as experiências que elas já carregam consigo.

O professor deverá [...] levar em consideração a cultura da criança, deve-se também situar o que se ensina para facilitar a aprendizagem. [...] É necessário a observação constante das crianças, de suas conversas, dramatizações e interesses demonstrados, a fim de captar o que é efetivamente significativo para elas. (LOUZADA, 1999, p. 13).

Na escola, a brincadeira possui uma função fundamental no desenvolvimento disciplinar da criança, oportunizando ao educador o entendimento de que esta faz alusão à vida, mostrando o quão relevante é oferecer aos pequenos alunos condições para a formação de seu percurso criativo.

Assim sendo, para que a aprendizagem esteja vinculada à rotina da sala de aula, torna-se cabível ao professor/a, estar com seu repertório de criatividade, invenção e imaginação em dia, preparando não apenas as formas de recreação com fins educativos, mas também todo o ambiente, colocando-o a disposição das crianças, onde estas possam fazer suas escolhas, elaborar suas conjecturas, acertando e errando, encontrando no professor um companheiro que as apoia, incentiva e ajuda em suas ações, bem como organizando espaços e situações que são favoráveis ao nível de desenvolvimento de seus alunos.

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. (RCNEI, 2008, V.1, p. 27).

Nessa perspectiva, também se torna papel do professor da Educação Infantil, saber diferenciar brincadeiras voltadas para o aprendizado educacional com brincadeiras espontâneas, pois muitas vezes ao serem obrigadas a participarem de determinadas brincadeiras, as crianças não se sentem a vontade e desta forma perdem o interesse em realizá-las, uma vez que aquela ação imposta pelo/a professor/a relativa à aprendizagem conceitual não lhe parece ser um modo lúdico e sim uma ação estabelecida pela imposição do/a professor/a, sendo sentida de maneira rápida e clara pelas crianças a intenção do/a professor/a.

Caberia ao educador oferecer condições que tornassem as interações lúdicas viáveis para que as crianças pudessem elaborar os conhecimentos que se manifestariam nessas oportunidades. No entanto, seria importante diferenciar jogo/atividade lúdica de outras formas de atividade da criança, proposta pelo adulto, de caráter intencional ou premeditado. Neste último caso, se estaria então no domínio do trabalho e não no do brincar. (BUJES, 2004, p. 218)

Alcançamos que seria importante que os/as educadores/as da atualidade utilizassem mais do brincar na educação infantil. A decisão de se permitir envolver no mundo mágico infantil seria o primeiro passo que o/a professor/a deveria dar. Explorar o universo infantil exigiria do/a educador/a conhecimento teórico, prático, capacidade de observação, amor e vontade de ser parceiro da criança neste processo. Professores/as poderiam através das experiências lúdicas infantis obterem informações importantes no brincar.

Vários são os benefícios que uma adequada atividade recreativa proporciona na vida das crianças. A carência da recreação nas escolas não deveria ser tratada como um problema, mas como um desafio, sobretudo para as professoras, que deveriam ser capazes de contribuir, de alguma forma, na realização desta, a fim de proporcionar as crianças momentos de lazer e de prazer.

Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. [...] Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal [...] Não é possível ao professor pensar que pensa certo mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se “sabe com que está falando”. [...] Faz parte do pensar certo o gosto da generosidade. (FREIRE, 1996, p. 34/35)

### 3. Vivências e Experiências: aprendendo por meio da prática

*Caminheiro, não existe caminho,*

*O caminho se faz ao caminhar*

**Antônio Machado (apud Lima, 2001, p. 13)**

Pretendemos por meio do presente capítulo, relatar as vivências e experiências adquiridas através de nossa prática no Estágio Supervisionado III e IV, no ano de 2010. Diante de nossas observações e também atuação, podemos dizer que o ato de ensinar não é simples, não é fácil, pois demanda um trabalho específico e reflexões extensas sobre o fazer pedagógico. Pensando como Lima (2001, p.16), entendemos que “o estágio é o momento de revermos os nossos conceitos sobre o que é ser professor, para compreendermos o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade.”

#### 3.1. Classificação da pesquisa e apresentação dos procedimentos

Metodologicamente, a pesquisa quanto aos objetivos, pode ser classificada como um estudo de natureza descritiva e de ação. É descritiva por que busca “[...] as características [...] de determinado fenômeno ou, ainda objetiva o estudo de relações ações entre variáveis [de forma descritiva], sendo que algumas pesquisas descritivas aprofundam as análises para determinar a natureza dessas relações” (CARVALHO, 2008, p.131). E é definida como pesquisa de ação, pois houve, na prática, participação direta com aplicação e realização de atividades por meio do projeto de intervenção *É tempo de brincar: o papel do brincar na educação infantil*, elaborado pela aluna em questão em parceria com uma outra aluna.

Na coleta de dados usamos, para alcançar os objetivos propostos, o procedimento de estudo de caso com observação participante, esse tipo de pesquisa foi escolhido por objetivar conhecer em profundidade uma dada situação, e a observação participante por destacar a interação do pesquisador com o ambiente e com a situação estudada. A observação é um importante instrumento para a coleta de dados, e requer alguns cuidados na sua utilização. Pois, como aponta André (2005):

A observação é chamada de participante porque se admite que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. Isso implica uma atitude de constante vigilância, por parte do pesquisador, para não impor seus pontos de vista, crenças e preconceitos. Antes, vai exigir um esforço deliberado para colocar-se no lugar do outro, e tentar ver e sentir, segundo a ótica, as categorias de pensamento e a lógica do outro.

Ainda com o apoio da autora percebe-se que a observação participante é, assim, um dos meios mais eficazes para que o pesquisador se aproxime dos sistemas de representação, classificação e organização do universo estudado. Coletar dados em uma pesquisa de campo faz com que o pesquisador se aproxime mais das pessoas e com elas ele mantém um contato direto por meio de conversas e/ou entrevistas.

Demos prioridade à abordagem do tipo qualitativa, pois utilizamos a observação como técnica. Para fundamentar e alicerçar nosso trabalho a fim de obtermos um conhecimento mais teórico acerca do assunto aqui analisado, desenvolvemos nosso estudo a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, sendo esta a base para a produção dos dois primeiros capítulos. Empregamos também o método etnográfico como meio de alcançar os objetivos sugeridos, por ser este o método que nos ajuda a “compreender profundamente o fenômeno a ser estudado em sua complexidade e totalidade”, conforme diz André (2005, p.31).

### **3.2 Caracterização da creche escola**

Nosso lócus da pesquisa foi uma creche e pré – escola pública da cidade de Campina Grande – PB, tendo início no dia 13 de setembro de 2010 e terminando em 22 de novembro do mesmo ano, sendo realizado nos turnos da manhã e da tarde.

A instituição atende cerca de 135 crianças sendo que 157 são matriculadas, do berçário ao pré II, com faixa etária entre 4 meses e 6 anos, sendo a maioria das crianças carentes. Cada turma possui cerca de vinte crianças, sendo a turma do pré I a mais numerosa contabilizando 35 crianças matriculadas. O horário de funcionamento da creche é de segunda-feira à sexta-feira de 7:00 h às 17:00h.

A instituição é ampla, na parte externa fica a lavanderia e o estacionamento, rodeados de árvores, adentrando no interior da mesma pela lavanderia, há um corredor que dá acesso aos espaços internos, o primeiro avistado é a cozinha, lugar pequeno, mas organizado. Em seguida encontramos o berçário, um quarto espaçoso, com muitos bercinhos e um quadrado que mais parece um “chiqueirinho” grande no chão, tem colchões, bolas grandes, um espelho (lembramos da experiência de psicogenética de Piaget, nessa fase as crianças precisam do espelho para tomar consciência do eu), do outro lado há um outro espaço com as mesmas características onde ficam bebês acima de 1 ano. O berçário é bem agradável, limpo e organizado.

Continuando no primeiro piso, ainda fica a sala de vídeo, um lugar com uma TV 20” e um aparelho de vídeo, tapete e almofadas e um ventilador, o local é arejado, há também um banheiro infantil ao lado da sala. Adiante fica um dos quartos de dormir, é bem agradável, ventilado, as camas são limpas, mas cada cama é compartilhada por duas crianças. Há dois quartos, um é para as crianças do maternal, outro fica depois da sala da diretora e é para as

crianças do Pré II, este é mais precário, mais simples que o quarto do maternal. A turma do Pré I dorme na sala de vídeo, colchões são distribuídos pelo chão.

Próximo ao quarto do maternal fica uma sala, denominada brinquedoteca, nesta possui uma casinha montada, com sala, quarto, cozinha e outros brinquedos atrativos, como escorregador e cavalinhos de balanço, entretanto parece nunca ser usada pelas crianças, tudo está sempre no lugar, parece que esta não está cumprindo sua função. Sobre a importância da brinquedoteca, ressalta-se que:

A brinquedoteca se apresenta como um espaço onde a criança, utilizando o lúdico, constrói suas próprias aprendizagens, desenvolvendo-se em um ambiente acolhedor, natural e que funciona como fonte de estímulos para o desenvolvimento de suas capacidades estéticas e criativas, favorecendo sua curiosidade. (NOFFS, 2000, p. 160)

Na brinquedoteca tem uma porta que é a entrada oficial da creche, mas quase não a vemos aberta. Depois desse espaço fica a sala da diretora e uma espécie de depósito. Em frente ao berçário fica um portão e uma rampa que dá acesso ao refeitório, um lugar claro, espaçoso e acolhedor, possui um lavatório, mesas e cadeiras adequadas ao tamanho das crianças. Ao lado do refeitório fica a sala do Maternal I e II, ou seja, as duas turmas dividem a mesma sala, embora façam um revezamento desta.

A sala do Pré I e II segue esta mesma rotina, as duas turmas intercalam os dias em sala. Sendo assim, há duas salas que são interligadas pelos banheiros do maternal de um lado e do Pré do outro, então, as crianças transitam entre uma sala e outra, já que dividem o mesmo banheiro. Em frente às salas de aula fica o pátio coberto de onde se vê o parque de areia, lá tem escorregador, é um espaço pequeno, mas as crianças gostam demais de ir para lá, nesse parque tem um portão que dá acesso ao estacionamento, mas fica fechado.

### **3.3 Recursos humanos**

Em nossas observações e conversas com a diretora da creche e pré – escola em questão, averiguamos que o quadro de funcionários de apoio está completo. Há funcionários para a limpeza, para lavanderia, para a cozinha, que se ajudam mutuamente. Especificamente, 8 berçaristas, 2 lactaristas, 2 cozinheiras e 2 duas auxiliares de cozinha, 4 funcionários de apoio e 4 lavadeiras.

Com relação ao quadro docente percebemos que há falta de professores e auxiliares, pois, em nossos primeiros momentos de observação vimos que o Maternal I e II são assistidos pela mesma professora, tendo somente uma auxiliar, esta remanejada de outra função. Há 8 educadoras e 8 auxiliares, entre os turnos de manhã e tarde. O Pré II durante este tempo de estágio passou por três professoras, em alguns momentos também não possui auxiliar.

A respeito da formação das professoras observadas no período do referido estágio, algumas (poucas) possuem formação superior em Pedagogia, porém não fazem formação

continuada, a maior parte das professoras da creche são contratadas e distribuídas na função de acordo com o critério da diretora.

### 3.4 Recursos materiais

Observamos que não há material didático, pois, não avistamos livros ministrados às turmas. Quanto ao material pedagógico, este é muito precário, o que há está desfalcado. Há pouco material para pintura, pouco papel para desenho, tudo é bem contado.

Os brinquedos são bem escassos, os que existem estão em mau uso, são pedaços de algo chamado brinquedo, mas sabemos que para uma criança um simples pedaço de madeira já aguça sua criatividade em imaginar e criar na hora de brincar. Como diz Toquinho, em uma letra de música, retratando muito bem o sentido simbólico de um brinquedo no ato de brincar,

Um brinquedo...  
 O que é um brinquedo?  
 Duas ou três partes de plástico, de lata...  
 Uma matéria fria  
 Sem alegria...  
 Sem história...  
 Mas não é isso, não é filho!  
 Porque você lhe dá vida...  
 Você faz ele voar, viajar...  
 (TOQUINHO, 1987)

Os únicos equipamentos vistos e usados são o vídeo e a TV, isso, se as professoras trouxerem DVD para crianças assistirem de casa, caso contrário, as crianças assistem a programação local.

Material de higienização é bem regrado, shampoo e condicionador são utilizados por todos de forma regulada, somente os sabonetes são individuais, apesar de por vezes observarmos que todos usam o mesmo sabonete, não há creme dental, portanto, não há prática de escovação dentária.

A situação não é das melhores, falta muita coisa, é muito difícil realizar qualquer tipo de atividade com as crianças por falta de material.

### 3.5. Vestuário das crianças

Algumas crianças chegam à creche limpas e arrumadas, vestidas com roupas da moda, calçados novos, as meninas trazem cabelos penteados, enfeitados, os meninos são mais despojados. Todavia existem crianças que chegam à creche com roupas gastas, puídas,

descuidadas de sua higiene, a ponto da professora mandar o responsável voltar para casa, dar banho e trocar a roupa da criança e depois retornar à creche.

### **3.6. Rotina da creche no turno da manhã e da tarde - Prática de cuidados**

Na chegada das crianças, às 7:00 h da manhã os pais as encaminham para as respectivas salas de aula onde a professora já se encontra. Lá, em um primeiro momento, as crianças têm as roupas trocadas pela professora e ajudante - colocam o uniforme da creche - e em seguida são levadas para o refeitório, no qual tomam o café da manhã.

Após o café da manhã voltam para a sala de aula e lá a professora conta histórias, canta músicas ou realiza alguma atividade com elas. Às 10:00h da manhã é a hora do banho.

Após o banho elas são encaminhadas para o refeitório a fim de almoçar. As primeiras turmas a irem ao refeitório são as do maternal I e II, e após terminarem, saem e entram as turmas do pré – I e II. Até o almoço ser servido a professora canta algumas músicas com elas para distraí-las.

Terminado o almoço as crianças lavam as mãos e a boca – não há a prática de escovação de dente - e se encaminham para o quarto, lugar onde dormem para descansar.

À tarde, ao acordarem, vão se encaminhando para suas respectivas salas onde começam suas atividades. Por volta das 16:00h trocam novamente de roupa, colocando suas roupas vindas de casa e vão jantar, seguindo o mesmo procedimento da hora do almoço.

### **3.7. Relato das atividades desenvolvidas – Experiências vividas**

A elaboração e realização de um projeto sobre a importância do brincar na Educação Infantil adveio de observações realizadas em estágio, no primeiro semestre de 2010, no qual verificamos que não havia um repertório diverso de brincadeiras que preenchessem o tempo das crianças na creche e pré - escola. A turma escolhida para observação e atuação foi a do Pré I, em que há efetivamente 35 crianças matriculadas, porém, nos dias em que estive presente não compareceram mais que 28 crianças. Tal turma é a mais numerosa e a mais trabalhosa de toda a creche, as crianças possuem faixa etária de 4 a 6 anos.

A sala de aula a qual ficam todas as crianças, apesar de acomodar todas, não é muito espaçosa para a realização de certas atividades. A sala, em alguns momentos fica muito pequena para elas, com isso, logo demonstram suas inquietações. A turma só pode ir ao pátio nas quintas-feiras, por ordem da diretora. Na maior parte dos dias elas ficam o dia todo dentro da sala de aula, saindo apenas para se alimentarem e dormirem.

Na turma há uma professora e uma auxiliar tanto no turno da manhã quanto no turno da tarde, valendo destacar que são professoras e auxiliares diferentes para cada turno. É relevante salientar que no turno da manhã passei por muitas dificuldades para realizar as

atividades propostas devido à falta de disciplina, limites e respeito por parte das crianças. Sempre levava mais que uma atividade (brincadeiras) para fazer com as crianças, mas raramente conseguia cumprir o planejado.

A professora da manhã não apresenta domínio sobre a turma, com isso as crianças tomavam conta da sala e não a respeitavam de forma alguma. A própria diretora da creche aconselhou - me a ir ao turno da tarde. Todavia, no turno da tarde a professora é completamente firme, tem muito domínio sobre a turma. No primeiro dia que compareci à turma à tarde me surpreendi, não parecia a mesma turma vista pela manhã. É impressionante que apenas com um único olhar dado pela professora da tarde as crianças ficam mais contidas. Em tal período, diferente do da manhã, conseguia realizar todas as atividades. Foi muito mais fácil e satisfatório realizar as brincadeiras com as crianças neste turno.

Percebi que as crianças gostam muito de ouvir histórias infantis, então nos primeiros encontros antes de fazer as brincadeiras, com o intuito de acalmá-las, contava uma história e interagia com elas sobre a história, algumas vezes após a contação entregava papel e giz de cera para que elas desenhassem livremente. Desta forma, fui percebendo que elas ficavam mais tranquilas e conseqüentemente obedeciam e prestavam mais atenção na realização das brincadeiras. Esta foi uma maneira de conseguir acalmá-las para depois fazer as atividades. E, às vezes, para entregá-las à professora, no término de minha aula, também fazia tais atividades serenas, procurava neste momento transmitir o máximo de paz a elas, a fim de deixá-las calmas e sossegadas para a professora.

A realização das atividades foi feita a partir das observações e vivência no estágio, portanto, as brincadeiras adequaram-se a situação da turma atendida, bem como, aos comportamentos e disposição das crianças.

### **3.7.1. Cronograma de atuação na creche (em anexo)**

Este cronograma foi pensado a partir de observações em estágio, portanto, as atividades não eram fixas, estavam sujeitas a modificações e adequaram-se à situação econômica da comunidade escolar atendida, bem como, aos recursos materiais e estrutura física da aludida creche e pré-escola e ao comportamento e estado o qual se encontravam as crianças. Contudo sempre levava de casa materiais que usaria nas brincadeiras de cada encontro. Foram realizados 20 encontros.

## **3.8 Encontros realizados – vivenciando, ensinando e aprendendo por meio das brincadeiras**

### **3.8.1 Primeiro encontro (13 de setembro de 2010)**

O primeiro dia foi de reconhecimento da turma do pré I, conversa com a professora desta turma e de conversa com a diretora a respeito do projeto a ser realizado. Neste dia não

houve a efetivação das atividades, uma vez que a diretora teve um compromisso no qual precisou se ausentar. Com isso, pediu que começássemos outro dia, pois gostaria de estar presente.

Neste dia também compareceram mais quatro estagiárias com a mesma finalidade: apresentar os respectivos projetos e começar o estágio. No entanto ocorreu um empecilho, pois duas delas também ficariam na turma do pré I no mesmo dia e no mesmo horário. Propus, então, que dividíssemos a turma no dia em que houvesse o choque de encontro. Estas concordaram, já que a turma é muito grande.

Na conversa que tive com a professora do pré I, já nesse primeiro encontro percebi que não seria fácil conseguir aplicar as atividades, no caso as brincadeiras propostas no projeto. A professora me deixou bastante assustada com relação à turma logo num primeiro momento, estava me preparando para o que iria vivenciar.

A turma do pré I é uma turma bastante numerosa e trabalhosa, a mais numerosa da creche, possui 37 alunos matriculados. O espaço físico da turma é bem estruturado, arejado, iluminado e ventilado, porém para a quantidade de crianças é pequeno.

### **3.8.2. Segundo encontro – primeiro dia em sala de aula (27 de setembro de 2010)**

No segundo dia na referida creche a turma do pré I foi dividida entre as outras duas estagiárias e eu, como havíamos combinado anteriormente. Neste dia haviam 23 crianças. Fiquei com 11 crianças (8 meninos e 3 meninas) e elas ficaram com 12 crianças, pois elas trabalhavam em dupla e eu sozinha.

Ao chegar à turma, havia muita confusão e bagunça. A professora não conseguia estabelecer autoridade sobre a turma. As crianças estavam totalmente alvoroçadas e agitadas. Gritavam muito e não paravam de correr de um lado para o outro. Como a professora não estava conseguindo acalmá-las, então as outras duas estagiárias (trabalhavam em dupla) e eu tentamos, com algum sucesso a princípio, deixá-las mais calmas e quietas para que pudéssemos dizer o que iria acontecer. Conversamos com as crianças e dividimos a turma. O meu grupo de crianças (11 crianças), no começo não deu muito trabalho.

Em um primeiro momento fiz uma sondagem com as crianças. Sentamos em uma roda e comecei a conversar com elas, primeiramente me apresentei, disse meu nome, o que mais gostava de fazer. Depois, perguntei o nome de cada uma, o que mais gostavam de fazer e qual a brincadeira que mais gostavam. Todas disseram que gostavam de brincar e as brincadeiras favoritas variavam de criança para criança. Nesse momento elas ficaram bem interessadas, algumas estavam um pouco tímidas, até porque não me conheciam muito bem, outras são mais desinibidas e falaram bastante.

Em um segundo momento, realizei uma brincadeira chamada “Bom dia”, a qual consiste em posicionar as crianças de pé em círculo, colocar uma no meio de olhos vendados, escolher outra criança que dirá: Bom dia! Se a criança de olhos vendados identificar a voz do colega, trocarão de lugar, depois repetir com toda a turma. Esta brincadeira tem a finalidade

de educar os sentidos das crianças, pois através da audição elas deveriam tentar descobrir o nome do amiguinho que disse tal frase. Nesta brincadeira utilizei um lenço para vendar os olhos das crianças e o espaço utilizado foi a sala de aula. Vale ressaltar que o lugar que cada professora trabalha com as crianças é determinado pela própria diretora.

No começo da brincadeira as crianças brincaram direito, mas na segunda rodada já começaram a fazer graça, as crianças que estavam na roda começaram a dizer o nome da outra que falou Bom dia, começou a virar bagunça, uma vez que elas cansam muito rápido do que estão fazendo querendo fazer outra coisa, mas com jeito e paciência consegui contornar a situação e terminar a brincadeira com êxito.

No terceiro momento deste segundo encontro, li um livro para elas. A literatura infantil lida foi “A foca famosa” de Sonia Junqueira. Neste momento elas ficaram bem calmas e tranquilas. Todas as crianças gostam muito de ouvir histórias. Percebi que isto as acalma. Depois da leitura, realizei uma roda de conversa, conversei sobre o livro, procurei interagir bastante com elas. Todas as crianças sem exceção interagiram e se interessaram bastante. Conversamos por alguns minutos sobre a história lida e elas se posicionaram com ênfase sobre o livro. Todas gostaram muito.

Para finalizar este encontro, logo após a história e a roda de conversa sobre a literatura lida, entreguei para elas papel e lápis de cor para que desenhassem. Achei interessante porque era um momento livre, de descontração, e elas desenharam personagens do livro, relatando o que mais tinham gostado da história. A maioria desenhou a foca famosa (personagem principal). Neste momento todas as crianças, tanto os meninos quanto as meninas ficaram totalmente concentrados e distraídos com o desenho. Foi um momento de puro silêncio em sala.

Antes das crianças terminarem os seus desenhos, as outras estagiárias, que estavam no pátio com a outra metade da turma, terminaram e entraram na sala com as outras crianças, sem bater na porta e nem perguntar se eu já tinha terminado, com isso as crianças se dispersaram com as demais que haviam entrado e começou a confusão e a bagunça novamente. Mas já havia terminado o meu encontro, e já era hora do banho delas.

### **3.8.3. Terceiro encontro (04 de outubro de 2010)**

No 3º dia logo após o café da manhã as crianças foram encaminhadas para a sala, como de costume. Nesse dia as outras duas estagiárias não compareceram e eu fiquei sozinha com a turma (com o auxílio da professora). Vieram umas vinte e cinco crianças. Elas estavam totalmente agitadas, alvoroçadas. Foi muito difícil neste dia conseguir realizar qualquer atividade. No começo tive que improvisar para ver se elas se acalmavam para que pudesse começar a brincadeira que estava proposta para aquele dia. Comecei a cantar algumas músicas infantis com elas em roda, algumas se interessaram, porém outras não quiseram de jeito nenhum participar, se rebelando de forma agressiva e sem limite.

Como vi que elas estavam muito difíceis nesse dia, não queriam ouvir nem a mim nem a professora da turma, só queriam fazer bagunça, subir na mesa e ficar pulando, ficar gritando, brigando umas com as outras, totalmente descontroladas, decidi antes de realizar a brincadeira, ler uma história, pois elas gostavam e se acalmavam. Neste dia li “O galo maluco”, de Sonia Junqueira. E assim como no segundo encontro fiz uma roda de conversa, conversamos sobre o livro, procurei interagir bastante com elas. A maioria das crianças interagiu e se interessaram bastante, mas algumas só queriam atrapalhar e ficar fazendo bagunça. Conversamos por alguns minutos sobre a história lida, e elas participaram bem neste momento, com exceção de algumas, a minoria.

Quando percebi que elas estavam um pouco mais calmas tentei fazer a brincadeira da “Dança da cadeira”, que consiste em posicionar cadeiras em fileiras aos pares, umas de costas para as outras. O número de cadeiras será menos do que o número de participantes. Ao som da música, as crianças contornam as cadeiras. Quando a música para, todas procuram sentar-se. A que sobrar sairá e em seguida retira-se uma cadeira até que reste uma criança e nenhuma cadeira. O espaço utilizado foi a sala de aula, e a finalidade desta brincadeira é a de desenvolver a coordenação motora, a atenção e a agilidade. O material que utilizei foi o aparelho de som, um CD chamado “Borboletinha”, com cantigas infantis e várias cadeiras pequenas, próprias para o tamanho das crianças.

Nesse dia foi impossível consegui realizar tal atividade. Elas só brincaram umas quatro rodadas, depois não quiseram mais brincar, começaram a bagunçar as cadeiras que estavam posicionadas para a brincadeira, brigavam o tempo todo, gritavam e subiam na mesa. As cadeiras ficavam em todo lugar menos no chão onde deveriam ficar. Elas jogaram as cadeiras para o alto, jogaram umas nas outras, jogaram em mim, na professora, foi um tumulto total, não sei onde encontraram tanta força, embora as cadeiras sejam pequenas. Tentei acalmá-las, conversar com elas, mas isso só as deixou mais nervosas, irritadas, agressivas e completamente desobedientes.

Então resolvi colocar a música e comecei a dançar chamando a atenção delas para que dançassem também, deixando que elas expressassem toda agitação e queimassem tanta energia através da dança, do movimento do corpo ao som da música. Nesse momento elas gostaram e começaram a dançar, correr, dancei e corri com elas para tentar fazê-las participar mais do encontro. Depois de algum tempo elas começaram a brigar de novo, pois qualquer coisa, por menor e mais insignificante que seja é um grande motivo para suas violentas brigas, e começou a confusão novamente, então desliguei a música e a professora resolveu deixá-las ir para o pátio, uma vez que já estava perto da hora do banho e do término do meu encontro.

#### **3.8.4. Quarto encontro (15 de outubro de 2010):**

No 4º encontro, foi a festa do dia das crianças. Pela manhã houve recreação, onde todas as turmas se juntaram no pátio e houve uma grande brincadeira. Houve distribuição de brinquedos, para os meninos foram dados carrinhos e para as meninas bonequinhas.

Na parte da tarde foi a continuação. Ao chegar à creche, as crianças estavam na sala de vídeo. Fiquei surpresa e impressionada com o comportamento das crianças neste turno. A turma, que é a mesma do período da manhã, não faz tanta bagunça como de manhã, a professora tem pulso firme e a turma tem maior respeito por ela, obedecendo e se comportando bem mais.

Depois de um tempo elas foram encaminhadas para a sala de aula. Lá ficaram sentadas, sem gritar, em seus respectivos lugares. Nem pareciam as mesmas crianças do turno da manhã. Fiquei impressionada. Ficaram em sala esperando a diretora chamar para que pudessem ir ao refeitório. Neste tempo a professora tirou foto com elas, distribuiu balões para que elas enchessem e se distraíssem.

De surpresa entrou na sala uma palhacinha que brincou um pouco com elas, trazendo vários sorrisos nos lábios. Depois elas foram para o refeitório comer cachorro quente, bolo e tomar refrigerante.

As crianças ficaram muito felizes, este foi um dia de festa para elas. Se sentiram importantes, pois tudo era para elas. Me mostravam com orgulho os brinquedos que haviam ganhado. Estavam muito alegres e menos agressivas neste dia. Depois de comerem foram para o pátio brincar livremente e esperar seus pais irem buscá-las.

### **3.8.5. Quinto encontro (18 de outubro de 2010):**

No 5º dia foi seguida a mesma rotina dos dias anteriores: as crianças chegaram à creche, foram direto para a sala de aula, onde a professora e a auxiliar trocaram suas roupas, depois foram para o refeitório tomar o café da manhã. Após o café da manhã, as crianças voltaram para a sala de aula.

Nesse dia as outras duas estagiárias foram e dividimos a turma. Fiquei com 10 crianças e elas com 11 crianças, totalizando 21 crianças neste dia. As duas outras estagiárias ficaram na sala de aula enquanto que eu tive que ficar no pátio. Não foi bom, porque as crianças ficaram muito dispersas, tendo em vista que o pátio é grande e mais propício a tirar ainda mais a atenção e concentração delas.

Num primeiro momento comecei lendo um livro infantil para elas “O ursinho pirulito”. Tentei acalmá-las antes de realizar a brincadeira. Como de costume todas finalmente pararam e prestaram atenção na história, ainda mais porque levei um fantoche do ursinho pirulito e fiquei “brincando e conversando” com elas com ele, isso chamou muito a atenção de todas. Após a leitura e a interação com a história lida distribuí a cada uma papel que continha o personagem central do livro: um ursinho com pirulito, e entreguei a elas giz de cera para que colorissem o desenho. Nesse momento elas ficaram bem distraídas. Meu objetivo nesta hora era deixá-las mais calmas e tranquilas para que eu pudesse conseguir fazer a brincadeira.

Terminada a pintura do desenho realizei a brincadeira que era “quente ou frio” que consiste em vendar uma criança e colocar um objeto diferente no lugar em que se encontram para que perceba, também pode mudar o objeto de lugar. Tira-se a venda da criança e pergunta se há algo diferente no lugar. As outras crianças dirão se está quente ou frio à medida que ela aproxima-se do objeto. Esta brincadeira tem a finalidade de desenvolver a

memória, a esperteza e a observação. O material utilizado foi um lenço e uma caixinha lilás de guardar lápis de cor e, o espaço utilizado foi o pátio.

Havia algumas crianças que são mais difíceis que outras, então a fim de tornar a brincadeira mais agradável, participativa e tranquila, e também afim de que eu conseguisse realizar tal atividade com elas tive a idéia de chamar os mais agitados e convidá-los a me ajudarem na realização na brincadeira. Dessa forma consegui fazer com este momento se tornasse mais agradável, divertido e também participativo, sem bagunça e imprevistos. Depois de certo tempo do desenrolar da brincadeira, que estava sendo satisfatoriamente realizada, a estagiária do Pré II liberou mais cedo a turma, com isso, desestabilizou o término da minha atividade, uma vez que todas as crianças da outra turma começaram a correr e a se misturar com a minha turminha, causando uma confusão. Com isso tive que encerrar a brincadeira. Mas até então tudo ocorreu muito bem, consegui realizar com sucesso o que estava programado e foi bastante divertido, as crianças gostaram e eu também.

Ressaltando, nesse dia fiquei sozinha com as crianças, a professora ficou na sala de aula com as duas outras estagiárias. Depois de um tempo apareceu uma auxiliar para me ajudar. Mas tudo ocorreu bem neste encontro.

### **3.8.6. Sexto encontro (21 de outubro de 2010):**

Nesse dia fiquei com a turma inteira, tendo em vista que as outras estagiárias não foram. Tinha 23 crianças. Elas estavam todas agitadas, descontroladas, foi muito difícil fazer com que elas se acalmassem. Neste dia a professora da turma alegou fazer tempo que não trabalhava atividades escritas com as crianças, então disse que realizaria, num primeiro momento, uma atividade com elas (a atividade dizia respeito ao direito que as crianças têm a uma família, elas tinham que desenhar suas respectivas famílias e completar com letras que faltavam na palavra família). Para realizar a tarefa a professora pediu a minha ajuda. Fiquei com a metade da turma e ela com a outra metade. A professora estava distribuindo balas para as crianças que ficassem quietas e que fizessem a tarefa sem confusão e bagunça. Assim elas fizeram tudo direito e mais quietas, pois iriam ganhar uma compensação.

Num segundo momento, terminada a atividade escrita da professora, ela entregou a turma para mim. Foi complicado no começo organizar a turma toda, uma vez que é uma turma muito numerosa e trabalhosa. Decidi trabalhar, na primeira brincadeira, com partes das crianças, sendo assim, falei para elas ficarem sentadas nas mesinhas que ficam dispostas pela sala (são quatro mesinhas com mais ou menos 8 cadeiras), então fiz a brincadeira com as crianças que estavam em cada mesinha, enquanto que a professora distraia as crianças das outras mesas.

No meu primeiro momento fiz a brincadeira da “Ginástica dos bichinhos”, que consistia em imitar bichinhos, como canguru, centopéia, girafa, cachorro, gato, leão, cobra, elefante, galinha. Esta brincadeira tem a finalidade de brincar com o corpo. As crianças gostaram bastante e fizeram direito com entusiasmo e vontade. Todos os grupinhos de crianças gostaram e realizaram a brincadeira sem muita bagunça.

Após esta brincadeira a turma ficou desorganizada novamente. As crianças se cansam muito rápido e voltam a fazer bagunça. Elas começaram a brigar entre si, a jogar objetos entre si, a correr, gritar, subir na mesa. Eu e a professora estávamos tentando organizar a turma novamente. Mandamos todas sentarem e as que não obedeciam levávamos até a cadeira. Por fim elas sentaram e eu consegui explicar a segunda brincadeira.

A segunda brincadeira foi “Estátua”, que consistia em colocar uma música para tocar e quando esta parar as crianças devem ficar paradas, feitas estátuas e aquela que se mexer paga uma prenda. E tem como finalidade desenvolver a coordenação motora ampla. O material utilizado nesta brincadeira foi o aparelho de som e um CD de músicas infantis. As crianças gostaram, principalmente porque elas tinham que dançar, mexer o corpo, o que elas mais gostam de fazer. Como todas se mexiam, mesmo tentando ficar estátuas, não mandei que pagassem prenda apenas parabenizei aquela criança que se mexia menos. Elas gostaram e fizeram direito. Depois de um tempo, como normalmente acontece elas não quiseram mais e começam a correr e a se dispersarem pela sala. Decidi aumentar a música e começar a dançar e chamá-las para dançarem comigo, e assim consegui deixá-las mais organizadas, uma vez que dançar também faz parte da brincadeira.

O espaço utilizado neste dia com na maioria dos outros dias foi a sala de aula. Dada a hora, a professora liberou-as para ficarem no pátio, pois já estava perto da hora do banho e do almoço. Este dia, apesar dos imprevistos e bagunça, foi proveitoso, pois consegui realizar o que havia planejado.

### **3.8.7. Sétimo encontro (22 de outubro de 2010):**

No 7º dia foi seguida a mesma rotina dos dias anteriores: as crianças chegaram à creche, foram direto para a sala de aula, onde a professora e a auxiliar trocaram suas roupas, depois foram para o refeitório tomar o café da manhã.

Após o café da manhã, as crianças foram para a sala de vídeo, a mando da diretora. Esta sala é pequena, abafada, sem ventilação e muito quente. Neste dia vieram 20 crianças. As crianças estavam muito agitadas, acredito que a causa que mais pesou a essa agitação foi a estrutura da sala em que elas estavam, uma vez que estas estavam muito incomodadas e com muito calor.

Num primeiro momento fiz com elas a brincadeira do “Jogo do limão”, que funciona da seguinte maneira, coloca-se as crianças sentadas em círculo, tendo uma a posse de um limão. Iniciarão a brincadeira cantando: *Meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá. Uma vez tim do le lê, outra vez tim do la lá*... passando o limão aos colegas. Ao findar a canção, a criança que estiver com o limão paga uma prenda dada pelo colega. Esta brincadeira tem a finalidade de trabalhar o ritmo e a atenção das crianças. O material usado foi um limão e a letra da música “*meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá. Uma vez tim do le lê, outra vez tim do la lá*”.

A princípio a brincadeira ocorreu muito bem, as crianças estavam interessadas, cantando, e fazendo tudo direito. Mas, mais ou menos na 5º rodada, começou a bagunça,

algumas se levantaram e começaram a correr, a brigar, e com isso as outras que estavam sentadas também se levantaram e a confusão foi total. Daí em seguida eu, a professora e eu ficamos tentando acalmá-las. Este dia foi o mais trabalhoso de todos a meu ver. As crianças estavam totalmente descontroladas.

Um garoto estava com uma roda de um brinquedo quebrado nas mãos, e estava causando muita briga com isso. Então fui pegar a roda dele para guardar a fim de tranquilizar a turma. O garoto veio para cima de mim dando chutes e socos, tive que contê-lo segurando em seus braços para ele parar de me chutar e dar soco. Depois a professora viu aquilo e chamou a atenção dele colocando ele no canto afastado do resto da turma. As crianças desta turma não entendem a palavra limite. É muito difícil e complicado.

Num segundo momento, tentei ler uma história “O ursinho catavento”, levei um fantoche para poder tornar a história mais lúdica, porém não adiantou muito. Este dia nem a história interessou as crianças. Não consegui sequer terminar de contar a história.

Para finalizar, este encontro foi o mais difícil até agora. Mal consegui fazer a brincadeira e contar a história. Foi a manhã quase que toda só para tentar deixar as crianças mais calmas, tranquilas.

### **3.8.8. Oitavo encontro (22 de outubro de 2010):**

No 8º encontro foi no período da tarde. É impressionante como à tarde as mesmas crianças da manhã estão mais calmas e com mais limite. Ao chegar lá as crianças tinham acabado de acordar e de lanchar, e estavam fazendo uma atividade com a professora. Ao findar a atividade a professora me liberou a turma. As crianças, completamente diferentes do período da manhã descrito acima, estavam calmas, tranquilas e foi fácil fazer a brincadeira com elas.

Nesse encontro fiz a brincadeira do “Corre cotia”, que consiste em posicionar as crianças sentadas em círculo amplo. Do lado de fora do círculo escolher uma criança que ficará segurando uma bola. Ao sinal dado, à criança escolhida começa a andar circulando a roda, escolhe um colega e coloca a bola atrás dele sem que este veja. Enquanto isso, todos cantam a música “*Corre cotia na casa da tia, corre cipó na casa da avó, corre cotia de noite e de dia*”. Quando a criança perceber a bola atrás dela, a pegará e fará o mesmo. Esta brincadeira tem a finalidade de desenvolver percepção visual e atenção. O material utilizado foi uma bola pequena e a letra da música descrita acima.

Foi o primeiro encontro que as vi tão empolgadas com uma brincadeira. Elas gostaram bastante, brincaram sem perceber o tempo passar. Estavam totalmente entretidas com a diversão. Quando disse que estava na hora delas irem se vestir para ir para casa, não quiseram parar a brincadeira, pediram para continuar brincando. Fiquei surpresa e isso me animou bastante.

Nesse dia, como a professora havia realizado uma atividade com elas, o tempo ficou menor, por isso só consegui fazer esta brincadeira, que por sua vez ocupa um maior tempo. Neste dia saí da creche satisfeita, pois consegui, com sucesso, fazer o que havia planejado para aquele momento com êxito.

### 3.8.9. Nono encontro (25 de outubro de 2010):

Como de costume as crianças chegaram e se encaminharam para a sala de aula, as quais trocaram de roupa e ficaram esperando a hora para irem ao refeitório tomar o café da manhã. Neste dia o lanche das crianças do pré I e II atrasou, e elas foram lanchar por volta das 08:30h. Neste dia vieram 23 crianças.

Terminado o lanche as crianças foram encaminhadas para a sala de aula. Neste dia (segunda-feira) divido a turma com outras duas estagiárias, porém neste dia uma das outras estagiárias não pôde comparecer e decidimos, eu e a estagiária presente, que ficaríamos juntas na sala e trabalharíamos juntas com as crianças.

Começamos colocando as crianças sentadas nas cadeiras, estas estavam mais calmas hoje. Depois expliquei a elas a brincadeira que havia levado para fazer com elas. Nesse dia brincamos de “Batata quente”, que funciona da seguinte forma: as crianças ficam em círculo, sentadas ou em pé. A professora fica fora da roda, de costas ou com os olhos vendados, dizendo a frase: “*Batatinha quente, quente, quente... queimou!*” Enquanto isso, as crianças que estão na roda vão passando a batata de mão em mão até ouvirem a palavra “*queimou*”. Quem estiver com a batata sai da roda. Ganha o último que sobrar. O material utilizado para essa brincadeira foi uma batata. O lugar onde foi realizada tal brincadeira foi na sala de aula. Esta brincadeira tem a finalidade de trabalhar a rapidez de movimento e o ritmo.

Para que não houvesse bagunça e nem inconvenientes por parte das crianças que iam saindo da brincadeira, levei papel e giz de cera e pedi a professora da turma que fosse entregando às crianças conforme estas fossem saindo da roda, dizendo a elas que desenhassem algo bem bonito. Dessa forma consegui findar a brincadeira com sucesso, e a turma ficou comportada e tranquila. No fim da brincadeira algumas crianças não quiseram parar, elas queriam continuar brincando, mas devido ao avanço da hora, uma vez que o café da manhã delas foi dado muito tarde hoje, não iria dar tempo de fazer tal brincadeira novamente, uma vez que havia outras atividades para este dia. Após terminarem de desenhar colocamos todas posicionadas e cantamos umas cantigas infantis, fazendo com elas cantassem e mexessem/ movimentassem o corpo.

Em outro momento fiz a brincadeira do “Caça ao tesouro”, que consiste em colocar as crianças a procura de um objeto escondido na sala. A professora conta que há um tesouro escondido e diz às crianças que devem procurar o tesouro. Vamos partilhar o tesouro! Esta brincadeira tem a finalidade de trabalhar a Atenção, a socialização e a partilha. O material utilizado foi uma caixa de bombom “Bis” e foi realizada na sala de aula. As crianças gostaram muito, ficaram curiosas para saber que tesouro era, com isso brincaram direito. No fim todas ganharam chocolate.

Hoje consegui fazer o que havia planejado com tranquilidade. Houve alguns contratempos (crianças brigando, um pouco de bagunça...), mas consegui contornar a situação e fazer com que as crianças prestassem atenção e se interessassem pela brincadeira. Este dia foi bem proveitoso e satisfatório.

### **3.8.10. Décimo encontro (26 de outubro de 2010):**

Nesse dia dividi a turma com as outras duas estagiárias. Foram 28 crianças. Como as estagiárias ficaram com a professora em sala as ajudando, contabilizando três professoras para ficar com as crianças, e eu não ficaria com ninguém me ajudando, então fiquei com dez crianças e elas ficaram com o restante. Porém no fim eu estava com umas dezesseis crianças, que preferiram ficar na minha aula, e foram “fugindo” para a sala onde estava.

Esse dia foi tranquilo. Num primeiro momento fiz a brincadeira do “Vivo ou Morto” com elas, que funciona assim, coloca-se as crianças em pé do lado uma da outra, e ao comando “vivo” elas se mantêm em pé e ao comando “morto” elas se agacham. Quem se atrapalhar em um dos comandos sai da brincadeira, e vence quem ficar por último. As crianças gostaram e todas participaram. Repetimos algumas vezes a brincadeira.

Depois de um tempo brincando, elas começaram a se dispersarem e a fazer bagunça, então contei uma história para elas, pois para ouvirem uma literatura infantil elas se acalmavam. Li “Chapeuzinho Vermelho” e depois da leitura, em uma roda de conversa falamos sobre o livro. As crianças gostavam bastante dessas rodas de conversa após a leitura de um livro infantil. Todas ficam empolgadas e participam com entusiasmo.

Em outro momento entreguei a elas papel e giz de cera para desenharem livre, já estava ficando na hora de entregar a turma para a professora, por isso dei papel para elas desenharem, a fim de deixá-las mais calmas para a professora da turma. Esse dia foi bom, tudo ocorreu bem.

### **3.8.11. Décimo primeiro encontro (26 de outubro de 2010):**

Nesse dia, fui no período da tarde. A turma estava calma. Quando cheguei as crianças tinham acabado de acordar e estavam lanchando no refeitório. Após o lanche todas se encaminharam para a sala de aula. Chegando lá elas se sentaram organizadamente. Enquanto isso fui preparando o espaço para brincadeira.

Nesse dia fiz a brincadeira da “Bola ao cesto” que consiste em formar uma fila a uma certa distância de um cesto e tentar acertar a bola dentro do cesto. Esta brincadeira tem a finalidade de desenvolver a coordenação motora ampla. O Material usado foram duas bolas pequenas e um cesto.

Todas as crianças se animaram em brincar, e mesmo sem, algumas, conseguirem acertar a bola no cesto, elas não ficavam chateadas. E tentavam até conseguirem. As crianças desta turma não são competitivas, elas não se enfurecem, nem choram, nem ficam tristes se não conseguem “ganhar” em alguma brincadeira. Elas são bem compreensíveis.

Nesse dia havia 27 crianças. Devido ao grande número de crianças, dividi a turma em dois grupos e realizei a brincadeira primeiro com um e depois com o outro. Ao grupo que ficava sentado esperando, distribuí massinha de modelar para evitar alvoroço, impossibilitando a realização da brincadeira. Assim, elas tinham algo com que se distrair até

chegar sua vez de brincarem. Este dia foi muito proveitoso e satisfatório. Consegui realizar a brincadeira com sucesso. E como elas gostaram bastante, pediram para repetirem a brincadeira algumas vezes.

### **3.8.12. Décimo segundo encontro (27 de outubro de 2010)**

Nesse dia, fui no período da tarde. Ao chegar lá as crianças já estavam em sala, sentadas, sem fazer nada. Como na primeira vez que tentei realizar a brincadeira da “Dança da cadeira” não obtive êxito na realização desta, hoje repeti a brincadeira, e foi um sucesso. As crianças gostaram, se divertiram e não quiseram mais parar de brincar.

Repeti a brincadeira, a pedido delas, algumas vezes. Depois Aumentei a música e disse a elas que dançassem livremente e mexessem bastante o corpo.

No período da tarde tenho maior facilidade em fazer as brincadeiras, a professora é mais firme e passa mais autoridade perante a turma, diferente do período da manhã, no qual as crianças tomam conta da sala.

### **3.8.13. Décimo terceiro encontro (03 de novembro de 2010)**

Nesse dia, após o café da manhã, a atividade foi livre, ao ar livre. As crianças estão acostumadas a ficar praticamente o dia todo dentro de uma sala de aula pequena, abafada e sem ventilação. Hoje, diferente dos outros dias, foram encaminhadas ao parquinho. Lá ficaram livres, brincando livremente, correndo de um lado para o outro. Notei que elas se sentem muito melhores e ficam mais calmas quando estão soltas, fora da sala de aula.

O dia de hoje foi muito bom, as crianças brincaram livremente e espontaneamente, no parquinho. Como todos os outros dias houve algumas brigas, porém nada que chamasse muito a atenção. Passaram o período da manhã todo lá.

Hoje foi o último dia das outras duas estagiárias, e como culminância do seu projeto, distribuíram, ao final da atividade livre, lembrancinhas para cada uma das crianças. Este dia foi tranquilo e prazeroso. As crianças estavam muito felizes brincando no parquinho umas com as outras.

### **3.8.14. Décimo quarto encontro (03 de novembro de 2010)**

Nesse dia fui à tarde, uma vez que neste período a realização das atividades é mais satisfatória. Chegando a turma as crianças estavam todas sentadas, conversando entre si, sem bagunça. A professora se encontrava sentada em sua cadeira de frente à sua mesa, anotando o caderno de chamada da turma. Neste dia vieram 28 crianças, a sala estava recheada.

Hoje levei uma atividade diferente das demais. Quis inovar, a fim de tornar o encontro mais interessante e mais criativo. Realizei com as crianças a confecção de um painel composto por dobraduras com o rostinho de um cachorrinho. Substituí o cineminha por esta atividade pois o DVD da creche está quebrado e também pelo fato de que as crianças não se concentram por muito tempo em frente a uma televisão, independente de que filme esteja passando.

Ao chegar, expliquei a elas o que iríamos fazer e como fazer tal tarefa. Elas logo se interessaram. Elas nunca tinham feita tal coisa ou coisa parecida. Distribuí a cada uma folha de papel cortada em quadrado, me posicionei na frente da turma e fui fazendo a carinho do meu cachorrinho e ao mesmo tempo ensinando a elas. Ao findar minha explicação disse elas para comecem a fazer as suas. A professora da turma tinha me dito, anteriormente, que elas não conseguiriam fazer, que era para eu fazer todos os rostinhos de cachorrinhos e entregar a elas somente para pintarem. Porém, não fiz assim, desta forma, pois acredito que as crianças conseguem fazer tudo que desejarem, clara que não vai sair perfeito, mas vai sair do jeito delas.

Dessa forma, liberei-as para fazerem suas carinhas. A princípio todas, sem exceção, disseram que não conseguiriam fazer, mas disse que elas conseguiriam sim, e que eram para fazerem da forma como tinham entendido, que não precisava ficar igual a minha. Fui passando por cada criança a fim de orientá-las e não de fazer para elas. Para minha surpresa elas conseguiram fazer a atividade, do seu jeito, mas conseguiram. Ao irem terminando vieram todas me mostrarem, com orgulho os seus feitos. Após a confecção das carinhas distribuí giz de cera para elas decorarem, pintarem seus cachorrinhos. Foi uma festa só! Elas adoraram.

A sala estava totalmente tranquila, as crianças estavam todas concentradas em seus “cachorrinhos”. Ao terminarem, chamei uma a uma para colar a dobradura em uma grande cartolina. Depois, quando todas haviam colado mostrei a linda obra de arte que haviam feito sozinhas. Todas ficaram orgulhosas de si mesmas. Pendurei o painel no varal de atividades, para ficar exposto na sala de aula.

Após a confecção do painel nos dirigimos para o pátio, e lá realizei com elas a brincadeira do “Peru”, que consiste em formar um círculo. Um participante é o “peru” e fica no centro. Os demais participantes jogam uma bola entre si, de maneira inesperada, evitando que o “peru” pegue a bola. Se ele pegar, fica no lugar do último que tocou nela. Essa brincadeira tem a finalidade de desenvolver a parte motora do corpo, o material utilizado foi uma bola, e a brincadeira, como já disse a cima, foi realizado no pátio.

No começo elas brincaram direito, estavam concentradas na brincadeira, porém depois de um tempo começaram a dispersarem, já estavam cansadas Brincamos mais ou menos com umas cinco ou seis rodadas. Depois disso não quiseram mais. Então as dispensei e as deixei brincarem pelo pátio, que é bem espaçoso e elas gostam muito de estar lá.

No geral a sala estava tranquila e consegui realizar as atividades que havia planejado fazer neste dia. Foi muito proveitoso e divertido.

### **3.8.15. Décimo quinto encontro (04 de novembro de 2010)**

Nesse dia, no período da tarde, o qual estava presente, as crianças estavam na sala de vídeo. Tal sala, como já descrevi anteriormente, não é propícia às crianças do Pré I, como também já relatei antes.

Diferente dos outros dias os quais compareci à tarde, hoje foi muito difícil. As crianças estavam agitadas, acredito que pelo fato de serem muitas em um ambiente pequeno e abafado. A professora e a auxiliar não ficaram na sala comigo, fiquei sozinha, estas foram fazer um lanche. Houve muita bagunça. Foi muito difícil controlar a turma, que estava incontrolável.

Nesse dia foram 27 crianças. Antes de realizar a brincadeira, tentei acalmá-las, conversando com elas, mas foi complicado.

Tentei realizar, a brincadeira de “Bolas ao ar”, que consiste em colocar uma música para tocar e jogar bolas ao ar sem deixar cair no chão. Tem como fim desenvolver coordenação motora ampla. Os materiais utilizados foram balões, aparelho de som e CD de músicas infantis.

Enchemos os balões, neste momento as crianças se acalmaram mais, uma vez que gostaram da idéia de encherem balões. Depois com os balões cheios com as respectivas crianças, expliquei a brincadeira e estas começaram a brincar, lançando os balões ao ar. Porém, não durou muito, logo elas começaram a dispersarem e a estourarem os balões umas das outras, causando bagunça e tumulto. Com isso, não consegui fazer mais nada neste dia.

A professora, depois de um tempo retornou à sala, mas já era tarde e já estava praticamente na hora das crianças se arrumarem para irem embora. Este dia foi complicado, as crianças não colaboraram, tornando aquele período turbulento. Passei a maior parte do tempo, neste dia, tentando colocar “ordem” na sala, para pelo menos tornar a brincadeira mais organizada.

### **3.8.16. Décimo sexto encontro (09 de novembro de 2010)**

Nesse dia fui á tarde. Diferente do encontro anterior, cheguei à turma e as crianças estavam quietas, mais obedientes. Todas estavam sentadas, conversando entre si, e a professora estava em sua mesa conversando com a auxiliar. Cheguei e logo me deparei com a maioria das crianças abraçando minhas pernas, gritando meu nome, felizes em me ver. Com o tempo e a convivência, fui as conhecendo melhor e elas a mim. São crianças carinhosas, porém precisam ser entendidas, ouvidas e respeitadas para que esse carinho e respeito venham à tona.

Nesse dia compareceram 28 crianças. Contabilizando 10 meninas e 18 meninos. Devido à organização e tranquilidade da turma no dia de hoje, foi possível realizar três atividades/ brincadeiras facilmente e ainda repetir algumas, já que as crianças gostaram e colaboraram.

Em um primeiro momento, fiz com elas a brincadeira da “Bola ao túnel”, tal brincadeira consiste em dividir o grupo em duas equipes. Cada grupo forma uma fila, com cada participante um atrás do outro com as pernas ligeiramente afastadas. O primeiro de cada fila passa a bola por entre as pernas e a entrega ao que está atrás. Quando o último receber a bola, corre com ela e vai para frente da fila, fazendo o mesmo. Todos terão sua vez. Vence a equipe cujo primeiro jogador do início da brincadeira ocupar o lugar inicial. Este jogo tem o objetivo de desenvolver a agilidade e a atenção das crianças. O material utilizado foram duas bolas, o aparelho de som e um CD com músicas infantis.

Como nesse dia vieram muitas crianças e o espaço para a realização da brincadeira foi muito pequeno, uma vez que ficamos dentro da sala de aula, lugar este estipulado pela diretora, não seria possível, até mesmo pelo tamanho da sala, fazer a brincadeira com toda a turma de vez. Então, devido a essas implicações decidi fazer primeiro com o grupo das meninas e depois com o grupo dos meninos.

Primeiramente, realizei a atividade com as meninas. No entanto, com o objetivo de que os meninos não ficassem entediados até chegar a vez deles brincarem, entreguei a cada um massinha de modelar para distraí-los por um determinado tempo enquanto as meninas faziam a brincadeira. No começo do jogo, o grupo das meninas teve um pouco de dificuldade, mas com o desenrolar da brincadeira elas foram aprendendo e fazendo melhor. Também brinquei com elas, percebi que elas se animam mais quando eu participo ativamente das brincadeiras. Foi um momento de descontração e diversão, todas gostaram.

Ao finalizar a brincadeira com o grupo feminino, distribuí massinha para cada uma delas, a fim de que ficassem distraídas com algo enquanto era a vez dos meninos brincarem. Vale ressaltar que subdividi os grupos com relação ao gênero devido às afinidades da própria turma. As meninas preferem estar entre elas. Os meninos, por sua vez, se posicionaram em duas filas e demos largada à brincadeira. Como eles já haviam observado as meninas brincarem, sentiram mais facilidades em brincar, mesmo assim alguns ainda se atrapalharam no início. Porém, no geral foram ótimos e corresponderam, tanto o primeiro grupo quanto o segundo, às minhas perspectivas com relação à brincadeira em questão.

[...] a brincadeira tem um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento da criança. Ao substituir um objeto por outro, a criança opera com o significado das coisas e dá um passo importante em direção ao pensamento conceitual, [...] que baseia-se nos significados, e não nos objetos. [...] quando a criança assume um papel na brincadeira, ela opera com o significado de sua ação e submete seu comportamento a determinadas regras. Isso conduz ao desenvolvimento da vontade, da capacidade de fazer escolhas conscientes [...]. (VYGOTSKY, apud FONTANA, 1997, p. 128).

Foi um primeiro momento muito tranquilo, divertido, descontraído. Todos participaram e gostaram, não querendo parar de brincar. Foi ótimo. Em um segundo momento, seguindo este mesmo método, porém misturando meninos e meninas, realizei com eles a brincadeira da “toca do coelho”. Tal jogo funciona da seguinte forma: Formar duplas que serão as tocas e colocar em cada toca, no meio, uma criança que será o coelho. Sobrará uma criança fora das tocas, esta por sua vez dará um sinal, gritando a palavra “coelho” e neste momento todos os “coelhos” devem mudar de toca. Sempre um coelho ficará de fora. Os coelhos devem mudar de toca até que todas os coelhos passem pelas diferentes tocas. Esta brincadeira tem a função de trabalhar a percepção auditiva, a percepção visual, a coordenação motora e a atenção.

No começo se atrapalharam, mas depois gostaram e fizeram direito. Ficaram empolgadas com esta brincadeira, gostaram. Importante mencionar que enquanto um grupo brincava o outro se distraía com as massinhas de modelar, e vice-versa.

Em outro momento, findando a toca do coelho, brincamos de “vôo dos pássaros” que consiste em a professora perguntar às crianças se determinados bichos voam. Se voarem, as crianças deverão fazer gestos com os braços, imitando o vôo dos animais. Quando cita um animal que não voa os participantes ficam quietos ou dizem que certo animal não voa. Esta

brincadeira desenvolve a atenção e também a agilidade de pensamento e memória das crianças.

Nesta brincadeira consegui fazer com a turma toda junta. As crianças ficaram em pé na sala e eu fui perguntando se certos animais voam. Elas participaram muito bem. São crianças muito espertas, embora não demonstrem em alguns momentos. Conforme fomos brincando algumas crianças sentiram a necessidade de dizerem seus animais favoritos. Foi tão satisfatório que contagiou a turma toda e virou uma conversa tendo como foco a brincadeira mencionada. Este dia foi muito produtivo e divertido. As crianças colaboraram e participaram muito bem.

### **3.8.17. Décimo sétimo encontro (16 de novembro de 2010)**

Neste dia, como nos outros em que fui à tarde, com algumas exceções, foi tranquilo. Consegui realizar o que havia proposto para o dia de hoje. As crianças estavam calmas e obedientes. Ao chegar me receberam calorosamente, com muitos abraços e beijinhos.

Em um primeiro momento fiz com as crianças a brincadeira da “garrafa mágica”, que funciona da seguinte maneira, posicionar as crianças em círculo, a professora no centro gira a garrafa no solo e quando esta parar apontará na direção de uma criança. Esta deverá ir para o centro e executar uma tarefa, no meu caso, pedi que imitassem os bichinhos que mais gostavam. Esta brincadeira visa desenvolver a imaginação. O material usado foi uma garrafa de plástico, tamanho 1 litro, cheia de grãos.

Neste dia vieram 22 crianças, foi mais tranquilo realizar a brincadeira com elas. Todas gostaram, ficaram animadas com a brincadeira. Conforme elas iam indo para o meio imitar um bichinho, ia dando massinha para sentarem e se distraírem enquanto as outras ainda brincavam. Optei por essa forma para que todas tivessem a oportunidade de brincar, e não correr o risco de ficar repetindo criança.

No fim da brincadeira as crianças estavam todas sorridentes e empolgadas por terem tido a chance de imitar os seus bichinhos preferidos. Num segundo momento, fiz a brincadeira do “jogo da memória”, em que coloca-se as crianças sentadas em círculo. A professora mostrará alguns objetos a elas que serão e depois perguntará quais objetos foram apresentados. É interessante perguntar a ordem que eles foram mostrados e depois aleatoriamente. Este jogo aguça a memória e o tato. Os objetos utilizados na brincadeira foi uma folha de papel, um lápis, um limão, uma garrafa de plástico e uma bolinha pequena.

As crianças brincaram direito. Algumas tiveram muita dificuldade em lembrar, outras se lembraram com facilidade e ainda ajudaram os coleguinhas. No geral foi muito bom, me surpreendi com algumas crianças que demonstraram ótima memória. No fim da brincadeira distribuí mais massinha para que elas brincassem livremente. Este dia foi muito satisfatório e produtivo.

### **3.8.18. Décimo oitavo encontro (17 de novembro de 2010)**

Nesse dia (tarde) levei quebra-cabeças para montar com as crianças. Foram, hoje, 24 crianças, então como havia levado quatro quebra-cabeças diferentes, dividi a turma em 4

grupos de 6. Este jogo é importante, pois desenvolve a coordenação motora fina e a percepção visual.

No princípio eu, a professora, a auxiliar e minha filha, ajudamos, explicamos e orientamos cada grupinho. Depois deixei que as crianças fizessem sozinhas. Para minha surpresa, as crianças, todas, não conseguiram montar. Ficaram perdidas. Mesmo o quebra-cabeças sendo bastante colorido, com peças que não eram pequenas, elas não souberam montar.

Algumas, mesmo montando equivocadamente, não desistiam, e me mostravam com alegria, dizendo que sabiam montar, as peças montadas de forma errônea. Parabenizava-as, porém mostrava que elas poderiam fazer de tal forma. No fim elas começaram a cansar e começaram a querer fazer bagunça, jogando as peças no chão e algumas crianças ameaçavam jogá-las pela janela. Mas elas passaram mais tempo tentando montar do que fazendo bagunça.

Acredito que se a professora da turma enfatizasse mais esse tipo de brincadeira na turma iria melhorar muito a percepção das crianças. Foi um encontro tranquilo, sem muitos atropelos.

### **3.8.19. Décimo nono encontro (18 de novembro de 2010)**

Neste dia (tarde) foram 23 crianças. Elas estavam no pátio hoje. Então aproveitei para brincar mais livremente com elas, já que o espaço é amplo.

Num primeiro momento repeti a brincadeira do limão, uma vez que não consegui realizar com muito êxito da primeira vez. Todas quiseram participar, estavam bastante animadas neste dia.

Após a brincadeira do limão, que diferente do outro dia, foi realizado satisfatoriamente, em um segundo momento, realizei com as crianças, aproveitando o espaço do pátio, cantigas de rodas. Fizemos uma roda e cantamos várias músicas infantis. As próprias crianças escolhiam as músicas de sua preferência. Quando percebi que elas não queriam mais ficar rodando, convidei-as a sentarem e continuamos com nossas cantigas, desta vez sentadas em roda, batendo palmas. Foi muito divertido.

Depois de muitas músicas, num terceiro momento, fizemos uma roda de conversa. Conversamos sobre vários assuntos. Um falaram da sua família, outras inventavam histórias. Perguntei a elas se estavam gostando das brincadeiras, ambas responderam ao mesmo tempo que sim. Algumas me perguntaram se eu viria sempre porque gostavam muito de mim e das brincadeiras. Foi um momento de descontração e conversa sobre vários assuntos. Deixei-as falarem sobre o que queriam. Por último, entreguei a cada uma, papel e lápis de cor, para que desenhassem livremente. Este dia foi bom e tranquilo, todas colaboraram e se divertiram.

### **3.8.20. Vigésimo encontro (22 de novembro de 2010)**

Culminância do projeto. Fiz uma roda de conversa e depois cantigas de roda.

### 3.9. O que foi aprendido jamais será esquecido

Entendemos que o estágio, no caso, a observação participante e atuação, apresentam como uma de suas funções mostrar e oportunizar um contato direto com a realidade, com as situações que viveremos enquanto pedagogas e desta forma possibilitar uma inter-relação entre teoria e prática, dando-nos plena consciência de que esta experiência, este período em que estivemos atuando, realizando atividades com as crianças, serviu como um laboratório, repleto de ensinamento e aprendizado, os quais levaremos conosco em nossa caminhada profissional e também pessoal. Tudo o que foi aprendido será extremamente útil em nossa futura prática pedagógica, jamais será esquecido.

Aprendemos muito durante este tempo. Percebemos o que é certo fazer por meio daquilo que não faremos, ou seja, por meio das atitudes negativas das professoras aprendemos o que é positivo. Entendemos, sobretudo que, enquanto profissional, devemos respeitar as crianças e os seus saberes, uma vez que o respeito é algo recíproco, então para que sejamos respeitados/as por elas, primeiramente temos que nos dar ao respeito e temos que respeitá-las também.

Vimos, através de alguns erros observados, que é muito importante levar em conta o contexto de vida das crianças, sua cultura, suas experiências cotidianas, os saberes que elas já carregam consigo.

O professor deverá [...] levar em consideração a cultura da criança, deve-se também situar o que se ensina para facilitar a aprendizagem. [...] É necessário a observação constante das crianças, de suas conversas, dramatizações e interesses demonstrados, a fim de captar o que é efetivamente significativo para elas. (LOUZADA, 1999, p. 13).

Percebemos, nesse período, que as crianças não têm apenas que ficarem sentadas, caladas. É preciso haver diálogo, escutar o que as crianças tem a dizer. Como profissional é fundamental tratar as crianças com amor, com carinho, é preciso ouvi-las atentamente, pois cada uma tem uma história de vida, uma história importante para nos contar. Como profissional levaremos o entendimento de que cada criança é única e importante, independente de seu contexto de vida.

Ressaltamos que a receptividade com a qual fomos recebidas por ambas as professoras foi algo muito positivo em nossa permanência naqueles dias na instituição. Elas foram muito educadas, cordiais, prestativas. As próprias crianças foram ótimas na minha recepção. A maioria foi carinhosa e amorosa, no começo algumas se mostraram agressivas, mas com o tempo foram melhorando o seu comportamento, basta entendê-las e ter paciência com cada uma delas, e ao repreendê-las falar direito, explicando o porquê de estarem sendo chamadas atenção e em alguns momentos, falar com certa firmeza, sem gritos, já que é preciso saber impor limite na hora certa e da forma certa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ensinar exige comprometimento [...] não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar.*

**Paulo Freire (1996, p. 96)**

A partir dos estudos e observações realizados nesta pesquisa, constatamos a necessidade de se avaliar a forma como as crianças em idade pré – escolar estão sendo assistidas em seus momentos nas creches. Partindo da premissa de que é fundamental haver no espaço escolar brincadeiras, direcionadas ou livres, tornando o lugar agradável, prazeroso e divertido para as crianças, compreendemos que esse tipo de ação é primordial para o pleno desenvolvimento físico, mental e de linguagem de todas as crianças nessa fase de ensino.

De acordo com Assis (2004), não se pode esquecer que a Educação Infantil tem por objetivo proporcionar o desenvolvimento integral da criança pela tríade cuidar-educar-brincar. O cuidar está relacionado à higiene e à alimentação da criança. O educar é considerado o aspecto mais significativo da prática pedagógica, valendo ressaltar que tal prática na creche mencionada é limitada, escassa.

O brincar é entendido por algumas professoras como sendo uma forma de distrair as crianças, todavia notamos que falta, ainda hoje, o entendimento de que brincar também é uma forma de ensinar, pois é um recurso pedagógico muito importante, brincando as crianças aprendem mais rápido e melhor, se comparado ao ensino em uma sala fechada, cheia de crianças cansadas e sem vontade nenhuma de aprender, uma vez que não aguentam mais ficar sentadas apenas escutando o que a professora tem a dizer. É fundamental ressaltar que:

A professora de Educação Infantil precisa de uma formação inicial de qualidade que lhe permita o desenvolvimento de uma prática que integre o cuidar-educar-brincar de maneira indissociável. Não se pode mais aceitar amadorismo num trabalho cujo fim é a formação de pessoas.( ASSIS, 2004, p. 102).

Salientamos que a creche poderia proporcionar às crianças mais momentos de recreação, de diversão, descontração. É importante ter em mente que qualquer instituição educativa, seja creche ou escola, deveria proporcionar ocasiões agradáveis, e não ficar sempre na mesmice, na mesma rotina. Quando lidamos com crianças, a mesmice não pode ocorrer, criança gosta de novidades, criança gosta de brincar!

A partir de Assis (2004), entendemos que através da brincadeira, o domínio da realidade se torna mais acessível à criança, favorecendo a ela seu desenvolvimento psíquico e sua inserção social, a brincadeira deveria ser a atividade principal na pré-escola, uma vez que o ato de brincar proporciona mudanças qualitativas na psique e no comportamento infantil.

Compreendemos que é essencial entender o valor do brincar na creche como subsídio pedagógico para o desenvolvimento completo da criança. O educador/a precisa – imediatamente – gostar do que faz, gostar de ser professor/a, e não apenas estar lá para fazer o seu trabalho. Ensinar é mais que isso, ensinar é ter comprometimento, é procurar conhecer verdadeiramente cada um de seus alunos, suas alegrias, tristezas, a cultura em que vivem, o meio social o qual convivem, suas famílias, seus sentimentos. Ensinar, a nosso ver, é amar cada criança como sendo única, procurando elementos, se portando de criatividade e imaginação, para conquistar o interesse e o desempenho das crianças no processo de ensino - aprendizagem.

A nossa intenção foi tentar mostrar às professoras que o ato de brincar faz com que as crianças desenvolvam suas múltiplas linguagens e inteligências, sua auto-estima e que aprender pode sim ser um momento divertido.

Essa experiência foi algo muito construtivo, pois mostrou, entre tantas coisas, que antes de tudo é preciso ter muito amor naquilo que fazemos. Só entendemos o real valor de nossa profissão ao entrar, realmente, em uma sala de aula, em uma creche como professora, nada substituí a ação, a concretização de uma aula teórica. Apesar dos desafios enfrentados nessa caminhada, foram muito satisfatórios, a meu ver, os momentos que passamos na creche.

Este estudo foi de grande importância, pois nos permitiu conhecer mais de perto a realidade enfrentada e vimos que muito ainda precisa ser feito para transformar a escola em um lugar prazeroso onde as crianças possam aprender de forma mais lúdica e divertida. Por fim, todo esse estudo, observações e atuação, nos comprovou ainda mais que pode sim haver aprendizado através de brincadeiras, entretanto, sabemos que é preciso que o professor/a responsável saiba como mediar tal ensino levando as crianças a aprenderem e se divertirem mutuamente.

## REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Marcos Teodorico Pinheiro de. **O brincar na Educação Infantil**. Disponível em <http://efartigos.atSPACE.org/efescolar/artigo39.html>. Acesso em 25.Ago.2010.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. In: [http://pensador.uol.com.br/frases\\_de\\_carlos\\_drummond\\_de\\_andrade/6/](http://pensador.uol.com.br/frases_de_carlos_drummond_de_andrade/6/). Acesso em 25.Ago.2010.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília, DF: Série Pesquisa Liber livro, 2005.
- ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. LTC,1981.
- ASSIS, Ana Eleonora Sebrão; FROHLICH Markus; LEITE, Thais Lacerda. **Brincar na Creche: projeto de extensão de recreação**. Disponível em <http://www.guaiba.ulbra.tche.br/pesquisas/2008/artigos/edfis/367.pdf>. Acesso em 25.Ago.2010.
- ARAUJO, José Carlos Souza (Org.). *A infância na modernidade: entre a educação e o trabalho*. Uberlândia: EDUFU, 2007.
- ASSIS, Muriane Sirlene de. Práticas de cuidado e de educação na instituição de educação infantil: O olhar das professoras. In: **Representações de professoras: elementos para refletir sobre a função da instituição escolar e da professora de Educação Infantil**. 2004, Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- ASSIS, Muriane Sirlene de. Práticas de cuidado e de Educação na Instituição de Educação Infantil: o olhar das professoras. In: ANGOTTI, Maristela (Org). **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. MAZZARI, Vinicius (tradução, apresentação e nota). São Paulo: Duas cidades, Ed. 34, 2002.
- BOMTEMPO, Edda. Brincar, fantasiar, criar e aprender. In: OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BUJES, Maria Izabel. Criança e brinquedo: feitos um para o outro?. In: COSTA (org). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** 2 ed. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V.1 Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conhecimento de Mundo. Linguagem Oral e Escrita. In: **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. V.2. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Política Nacional de educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos a educação**. Brasília. MEC, SEB, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade/ organização do documento: Jeanete Beanchamp, Sandra Denize Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: FNDE, 2006.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- CARVALHO, Eronilda Maria Góis. **Educação infantil: percurso, dilemas e perspectivas**. Ilhéus, BA: Editus, 2003.

- FONTANA, Roseli. A brincadeira e o desenho da criança. In: **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 1995.
- LOUZADA, A. M. (Org). **Pedagogia de Projetos: Aspectos teóricos e contexto prático**. Vila Velha: CAEPE, 1999.
- LIMA, Maria Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**. 2. Ed. Ver. Aum. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1997.
- MELO, Glória Maria Leitão de Souza, BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida, MOTA, Marinalva da Silva (Orgs). **Ser criança: repensando o lugar da criança na Educação Infantil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009. 142 p. : il.
- MOYLES, Janet R. **Só Brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- NOFFS, Neide de Aquino. A brinquedoteca na visão psicopedagógica. In: OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PACIEVITCH, Thais. Disponível em: <http://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>. Data de publicação: 29/04/2009. Acesso em: 11/julho/2012.
- REGO, Teresa Cristina. **Brincar é coisa séria**. São Paulo: Fundação Samuel, 1992.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de. **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007.
- SARMENTO, Manuel, GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs). Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SARMENTO, Manuel, KOHAN, Walter Omar, GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs). Infância e Filosofia. In: **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- TOQUINHO. **Canção de todas as crianças**. Poligram, 1987. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/edinf01.htm>. Acesso em 30.Ago.2010.
- WINICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Imago, 1975. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/edinf01.htm>. Acesso em 30.Ago.2010.